

# Historiografia Peruana: onde estamos, como chegamos e para onde vamos? <sup>1</sup>

Paulo Drinot  
Universidade de Oxford

Tradução Arthur Lima de Ávila

Em um recente artigo sobre a historiografia francesa no século XX, Jaques Revel argumenta que “uma certa identidade historiográfica francesa pode ser discernida, a despeito da diversidade de escolhas e trabalhos individuais”.<sup>2</sup> Será que o mesmo pode ser dito sobre a historiografia peruana? Será que existe algo que podemos chamar de uma “identidade historiográfica peruana”? Se o movimento dos *Annales*, nas suas diversas e às vezes contraditórias variantes, foi o centro da historiografia francesa, qual seria o emblema identificador (ou emblemas identificadores) em torno do qual gira a historiografia peruana? A meta deste artigo é realizar uma discussão geral sobre o caráter desta historiografia peruana. Revisando uma tentativa anterior de escrever sobre tal assunto,<sup>3</sup> tentarei neste trabalho abranger tanto a literatura do período colonial, como a do período republicano, embora tenha que admitir que o período colonial é um território que eu raramente visito. Meu conhecimento aqui é limitado aos seus marcos mais óbvios. Eu começo com uma análise de alguns dos fatores que moldaram a identidade historiográfica peruana nos últimos trinta anos, aproximadamente. Em uma segunda sessão, abordarei as novas tendências literárias mais importantes. Por fim, e a título de experiência, proporei algumas reflexões sobre a amplitude da influência destas mudanças na identidade historiográfica peruana, aqui definida como “a área onde se fundem a memória coletiva, a escrita histórica e outras maneiras de moldar as imagens do passado na mente do público”.<sup>4</sup>

## I

Como argumentou Michael de Certeau, a produção historiográfica articula-se em torno de um *locus* de produção sócio-econômica, política e cultural. Este *locus* estabelece as *possibilidades*, mas também os *limites* da produção historiográfica: ele *permite* mas também *impede*.<sup>5</sup> De fato, a emergência de uma

<sup>1</sup> O grosso deste trabalho foi escrito em um confortável escritório na CEDLA em Amsterdã. Agradeço a Michael Baud pela hospitalidade.

<sup>2</sup> J. Revel, “Introduction”, in J. Revel & L. Hunt (eds.), *Histories: French Constructions of the Past* (New York, 1995), p. 2.

<sup>3</sup> Ver P. Drinot, “After the Nueva Historia: Recent Trends in Peruvian Historiography”, in *European Review of Latin American and Caribbean Studies* 68 (2000), pp. 65-76.

<sup>4</sup> Eu retiro esta definição de consciência histórica do jornal *History and Memory*.

<sup>5</sup> M. De Certeau, ‘L’opération historiographique’, in *L’écriture de l’histoire* (Paris, 1975).

nova história no Peru, durante a década de 70 do século XX, que veio a ser conhecida como “Nueva Historia”, só pode ser entendida num contexto social, político e cultural muito mais amplo.<sup>6</sup> Como a “nova história” francesa da década de 30, a “Nueva Historia” peruana foi construída em torno de críticas à historiografia tradicional, vista como um pouco mais que “un inconducente catálogo de gobernantes y obras públicas, de batallas y fechas y actos heroicos”.<sup>7</sup> Em seu lugar, a “Nueva Historia” propunha uma história politicamente e cientificamente relevante, que poderia quebrar os muros da disciplina e incorporar as análises das outras ciências sociais. Em 1980, os pioneiros da Nueva Historia sentiam que estavam tendo sucesso em suas propostas:

“[La Nueva Historia] no solo ha logrado superar la perspectiva metodológica y politicamente conservadora en la cual se mantenía la mayor parte [de la producción historiográfica], sino que se ha convertido en una suerte de ‘disciplina piloto’ dentro de las ciencias sociales, en una disciplina que renueva y profundiza nuestro conocimiento del pasado y lo proyecta fecundamente sobre la actualidad.”<sup>8</sup>

Os arquitetos desta nova história traziam como influências um eclético “mix” de perspectivas teóricas estrangeiras, incluindo a nova História Social inglesa, o Marxismo Althusseriano, os *Annales* franceses (de onde retiraram o conceito de “nova história”) e a teoria da dependência. Ao mesmo tempo, encontraram no trabalho de José Carlos Mariátegui, uma teoria explicativa nacional e original para a história e sociedade peruana. Acadêmicos estrangeiros também foram atraídos pelo marxismo singular de Mariátegui. A Nueva Historia também recebeu influências de uma forte tradição acadêmica, representada por Jorge Basadre e Pablo Macera, orientadores de muitos destes novos historiadores. Em contraste, a Nueva Historia rejeitou as correntes historiográficas conservadoras e “hispanicas”,<sup>9</sup> personificadas por José de la Riva Agüero e seus discípulos, como Juan Agustín de la Puente e Guillermo Lohmann.

Tanto fatores globais quanto locais, contribuíram para a emergência da Nueva Historia. Globalmente, a Guerra da Argélia, o conflito vietnamita, a Revolução Cultural chinesa e, acima de tudo, a Revolução Cubana, radicalizaram a juventude ao redor do globo, principalmente os estudantes. Uma rejeição ao status quo adentrou os círculos acadêmicos, mesmo nos departamentos de História das universidades peruanas, notoriamente conservadores. No Peru, o crescimento da classe média, a expansão do ensino universitário nos anos 50 e 60, o efêmero movimento guerrilheiro de meados da década de 60 e as reformas introduzidas

<sup>6</sup> Para um estudo sobre o desenvolvimento da história Peruana dentro um contexto intelectual latino-americano mais amplo, ver N. Miller *In the Shadow of the State: Intellectuals and the Quest for National Identity in Twentieth Century Spanish America* (London and New York, 1999).

<sup>7</sup> G. Lumbreras et al., *Nueva historia general del Perú* (Lima, 1980), sem número de página.

<sup>8</sup> Lumbreras, *Nueva historia*.

<sup>9</sup> N. do T.: “Hispanists no original

durante o governo do Gal. Velasco são apenas alguns dos fatores locais que ajudaram na emergência de toda uma geração de acadêmicos portadores de novas perspectivas e interesses. Os praticantes da Nueva Historia eram representantes de uma sociedade que passava por profundas mudanças. Muitos, como Heraclio Bonilla, Manuel Burga, Wilfredo Kapsoli e Nelson Manrique eram *provincianos*. Existiam também mulheres, como Scarlett O'Phelan, Maragarita Giesecke, Piedad Pareja e Carmen Rosa Balbi. Um número significativo tinha formação em outras áreas, como a Sociologia, e não eram, na acepção do termo, historiadores. Acadêmicos estrangeiros também participaram deste processo, levados ao Peru pelo que Rory Miller afirmou ser “um modelo único de governo militar”.<sup>10</sup> Lá eles encontraram uma grande quantidade de material documental pouco usado e um estimulante ambiente intelectual (e político).

Muitos destes novos historiadores aliaram suas ambições acadêmicas com uma militância política muito ativa nos partidos esquerdistas. É fácil esquecer a importância da esquerda peruana durante as anos 70 e 80. Como disse Nelson Manrique em meados da década de 80: “En nuestro país coexisten hoy en un mismo espacio la guerrilla más fuerte de América del Sur, la izquierda legal de mayor presencia política – la Izquierda Unida – y el partido reformista históricamente mas importante del continente en el poder: el Apra.”<sup>11</sup> Neste contexto político, os acadêmicos de esquerda possuíam uma certa hegemonia virtual (mesmo que não fosse uma hegemonia acadêmica institucional). Para estes, a revolução dentro da academia não podia ser dissociada da revolução social. De fato, muitos destes novos historiadores pretendiam que suas pesquisas contribuíssem para causar transformações sociais profundas, mesmo que estas não significassem uma revolução. Muitos tópicos de investigação foram escolhidos pela sua relevância política, isto é, revolucionária e social. Desse modo, a análise de Alberto Flores Galindo sobre a sociedade de Lima no final do período colonial concluía: “En cierta manera, el argumento de este libro podría resumirse negativamente: las circunstancias que explican por qué no tuvo lugar una revolución”.<sup>12</sup> O propósito desta nova história não era basicamente contribuir para a discussão historiográfica peruana, mas sim mudar a consciência histórica nacional: eles pretendiam reescrever a história peruana de uma maneira que pudesse revelar o sistema de dominação oligárquico desde a Conquista que havia escravizado os peruanos, e reclamar tradições de resistência que indicavam o potencial revolucionário das classes subalternas. Como Brooke Larson aponta em um recente artigo historiográfico, “one stream of political economy of the Andes engaged debates about agrarian class relations in the Peruvian countryside

<sup>10</sup> R. Miller, ‘Introduction: Some Reflections on Foreign Research and Peruvian History’, in R. Miller (ed.), *Region and Class in Modern Peruvian History* (Liverpool, 1987), p. 7.

<sup>11</sup> Citado em E. Cáceres Valdivia, “‘No hay tal lugar’: Utopía, ucronía e historia” in *Márgenes XIV*: 17 (2000), p. 12.

<sup>12</sup> A. Flores Galindo, *Aristocracia y plebe: Lima, 1760-1830* (Lima, 1984), p. 235.

and the prospects of ameliorating rural poverty through government intervention. Many of these studies on the nature of peasant economies and the hacienda regime set themselves the task of assessing the potential of peasants as revolutionaries". (uma corrente da economia política dos Andes engajou-se no debate sobre as relações entre as classes agrárias no interior peruano e nas perspectivas de melhoria da pobreza rural através da intervenção governamental. Muitos destes estudos sobre a natureza das economias camponesas e do regime de hacienda tinham por finalidade a tarefa de avaliar o potencial revolucionário dos camponeses).<sup>13</sup> O dever revolucionário do historiador militante parecia fornecer aos peruanos uma versão alternativa para seus mitos fundadores e exemplos históricos de comportamento revolucionário.

As décadas de 70 e 80 testemunharam a criação de um grande número de espaços para a produção e disseminação da nova história. Três eventos nacionais colocaram a história e os historiadores na ordem do dia: a rebelião de Túpac Amaru, a Independência e a Guerra do Pacífico. Com o apoio do governo militar "progressista", a Nueva Historia reinterpretou estes eventos para adequarem-se ao ambiente revolucionário da época. Centros tradicionais de pesquisa histórica, como o Instituto Riva Agüero, perderam rapidamente terreno para instituições mais novas e dinâmicas. O Seminário de História Rural Andina, dirigido por Pablo Macera na Universidade de São Marcos, o Curso de Estudos Rurais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Católica, o Instituto de Apoio Agrário e o Seminário Permanente de Investigação Agrária, todos criaram fóruns para o estudo de história rural. Outras instituições, como o Instituto de Estudos Peruanos, o Instituto Francês de Estudos Andinos e o DESCO, tinham um escopo maior, mesmo que originalmente também se dedicassem ao estudo da história rural peruana, como o trabalho do IEP no vale de Chancay.<sup>14</sup> Nas províncias, centros regionais como o CIPCA em Piúra e o Bartolomé de las Casas também tinham um papel importante na criação de espaços institucionais para a realização de pesquisa histórica. Os espaços para a nova história também se multiplicaram nas publicações, abrindo um campo que, durante muito tempo, havia sido restrito à periódicos como a *Revista Histórica*, a publicação da Academia de Historia; *Histórica*, a revista do departamento de história da Universidade Católica; e o *Boletín del Instituto Riva Agüero*, que eram os bastiões editoriais da história tradicional. *Campeño*, uma revista ligada à Confederação de Campesinos do Peru, forneceu a possibilidade de pesquisadores como Wilfredo Kapsoli e Manuel Burga, ambos trabalhando no

<sup>13</sup> B. Larson, 'Andean Communities, Political Cultures, and Markets: The Changing Contours of a Field' in B. Larson and O. Harris with E. Tandeter, *Ethnicity, Markets, and Migration in the Andes: At the Crossroads of History and Anthropology* (Durham and London, 1995), p. 14.

<sup>14</sup> Sobre o IEP ver J. Martínez Sánchez, 'El Instituto de Estudios Peruanos: de la ambición teórica de los años sesenta al estupor táctico ante el fujimorismo', *Anuario de Estudios Americanos* LVIII:I (2001), pp. 311-340.

recém-criado Archivo Agrario, de publicarem sua investigação sobre movimentos camponeses.<sup>15</sup> Como *Campeño*, *HISLA*, uma publicação histórica de envergadura continental organizada por Heraclio Bonilla como uma espécie híbrida da *Past and Present* e da *New Left Review*, infelizmente está fora de circulação. *Historia y Cultura*, a revista do Museo de Antropología, Arqueología e Historia, editada por José María Arguedas, tem sido publicada de maneira irregular. Outras publicações, no entanto, tiveram uma maior longevidade. Entre estas, vale a pena destacar *Revista Andina*, primeiramente editada pelo Centro Bartolomé de las Casas em 1983, *Allpanchis*, editada pelo Instituto de Pastoral Andina, *Márgenes*, publicada pela Casa-Sur, *Apuntes*, revista da Universidad del Pacífico, em circulação desde 1973, e o *Bolétin de Instituto Francés de Estudios Andinos*, do IFEA. Outros periódicos que surgiram na década de 70 foram o *Estudios Andinos*, editado pelo Centro de Investigación da Universidad del Pacífico e *Análisis: Cuadernos de Investigación*, dirigido por Ernesto Yepes. Algumas destas publicações, como a *Análisis*, não tinham nenhum suporte institucional; eram iniciativas de acadêmicos e intelectuais que contribuíram para a criação de novos espaços para a discussão entre a nova classe acadêmica marxista. Mesmo não sendo periódicos necessariamente dedicados à História, todas as revistas e jornais serviram como veículos para a nova história. Contudo, os espaços abertos à nova história transcenderam as fronteiras peruanas. Muitos destes novos historiadores começaram a escrever para publicações estrangeiras, tais como a *Latin American Research Review*, os *Annales*, entre outros.

Longe de ser um bloco intelectualmente monolítico, a Nueva Historia se caracterizou por estudos dinâmicos e variados, que acabaram por produzir intensos e importantes debates. De fato, podemos definir duas correntes historiográficas dentro da Nueva Historia: a primeira, uma reação contra a tradicional e conservadora historiografia “hispanica”, era essencialmente denunciatória: sua principal meta era subverter aquele modelo historiográfico, trazendo à tona os sistemas de dominação construídos pelas elites coloniais e republicanas. Nesta visão, a consciência histórica engendrada por este sistema ajudou a sustentá-lo. Entretanto, ao denunciar o sistema opressivo, seus fiadores descuidaram-se dos dominados: dentro deste modelo, as classes subalternas tornaram-se vítimas passivas e inertes do sistema de dominação. A segunda corrente, embora ideologicamente semelhante à primeira, foi uma reação à sua simplificação excessiva e ao fracasso em reconhecer o papel das classes subordinadas em moldar a história peruana desde baixo. Como afirmaram Magdalena Chocano e Alberto Flores Galindo, mesmo que almejasse subverter a ordem historiográfica tradicional, até meados dos anos 80 a Nueva Historia compartilhava com sua nêmesis a mesma visão “crônica” da história do Peru: de acordo com esta perspectiva, a história do país era um grande rosário de

<sup>15</sup> L. M. Glave, *Imágenes del tiempo: De historia e historiadores en el Perú contemporáneo* (Lima, 1996), pp. 16-24.

fracassos.<sup>16</sup> Chocano afirma que a visão crônica poderia ser traçada aos José de la Riva Agüero.<sup>17</sup> Paradoxalmente, nos diz Chocano, os argumentos do conservador e fascista nos anos 30, Riva Agüero, vieram a ser adotados por uma nova geração de historiadores nas décadas de 60 e 70 como Heraclio Bonilla, que buscavam subverter a própria ordem em Riva Agüero. De acordo com Chocano e Flores, na tentativa de subverter as interpretações históricas tradicionais, Bonilla assim como Basadre antes dele reproduziram a estrutura interpretativa que Riva Agüero havia ajudado a criar: uma história feita de oportunidades perdidas, de derrotas e fracassos. Evidentemente, tal modelo interpretativo não era uma peculiaridade peruana. O estigma do “fracasso” induzido por “estruturas profundas” e pela “persistência” do “legado colonial” é um tema recorrente dentro do conjunto historiográfico latino-americano. As implicações políticas destas interpretações históricas revelam como elas poderiam ser levadas a cabo tanto por velhos conservadores como por jovens marxistas. Jeremy Alderman afirma: “if the past is destiny, then the prospects for a stable progressive present are seldom great. For some this helps justify voluntarist calls for revolutionary ruptures to break the grip of inertial forces; for others it is a warning against tinkering with explosive social arrangements lest they be plunged into irretrievable chaos”. (se o passado é destino, então as perspectivas de um presente estável e progressista raramente são boas. Para alguns isto ajuda a justificar chamados voluntaristas de rupturas revolucionárias para quebrar a inércia de forças irreversíveis; para outros isto é uma advertência contra o mal uso de arranjos sociais explosivos, dado o temor de que fossem jogados em uma caos irreparável).<sup>18</sup>

Em resposta à história de derrotas, Flores Galindo conclamou por uma história diferente, que traria à tona de que modo os vários problemas do país “han sido vividos por los protagonistas, sus ideas y sentimientos, sus esperanzas para de esta manera devolver la palabra a quienes fueron condenados al silencio”. Chocano também argumentou em favor de uma história que recuperasse as vozes e tradições dos pobres e oprimidos. Esta seria uma história não-unitária:

<sup>16</sup> M. Chocano, ‘Ucronía y frustración en la conciencia histórica peruana’, in *Márgenes* II (1987), pp. 43-60; A. Flores Galindo, ‘La imagen y el espejo: la historiografía peruana 1910-1986’, in *Márgenes* IV (1988), pp. 55-83. On Flores Galindo and Chocano’s critique see N. Miller, *In the Shadow of the State*, pp. 220-3.

<sup>17</sup> De acordo com Chocano, Riva Agüero desenvolveu uma interpretação da história do Peru como uma resposta às críticas feitas por Manuel Gonzalez Prada à elite peruana, logo após a Guerra do Pacífico. Riva Agüero sustentava que a independência peruana havia falhado em produzir uma elite forte e prestigiosa. A derrota frente ao Chile era uma consequência do que aquela elite não era e não havia feito e não, como Gonzalez Prada argumentava, do que ela era e havia feito. Como tal, a idéia de que a história peruana era caracterizada por oportunidades perdidas pela elite, ajudou a exonerá-la por seus atos covardes e traiçoeiros durante a guerra.

<sup>18</sup> J. Adelman, ‘Introduction: The Problem of Persistence in Latin American History’ in J. Adelman (ed.), *Colonial Legacies: The Problem of Persistence in Latin American history* (New York and London, 1999), p. 2.

o objetivo não era lamentar a ausência de uma nação coerente, mas reconhecer que a diversidade cultural havia sido uma característica peruana. De fato, um grande número de pesquisadores, como Steve Stern e Karen Spalding, começavam a desenvolver uma história diferente, onde os de baixo, especialmente os índios, desempenhavam um papel proeminente.<sup>19</sup> Embora as estruturas ainda estivessem evidentes, a resistência à estas estruturas eram tão ou mais importantes para estes estudiosos. Esta nova abordagem inspirava-se no desenvolvimento da teoria marxista, especialmente no trabalho de E.P. Thompson sobre a economia moral adaptada às sociedades camponesas de James C. Scott, e nas noções gramscianas de hegemonia.<sup>20</sup> De uma maneira mais ampla, os historiadores incorporaram as abordagens metodológicas originárias da Antropologia e Psicologia, deslocando a atenção dada à objetividade, às estruturas e aos processos econômicos para a subjetividade, a cultura e a identidade. Um desenvolvimento óbvio e importante foi a abertura dada à etnohistória e seus métodos e fontes.<sup>21</sup> Estes desdobramentos tiveram seu ápice durante o famoso debate entre Henri Favre e Bonilla de um lado e Florencia Mallon e Nelson Manrique de outro, sobre o nacionalismo camponês durante a Guerra do Pacífico.<sup>22</sup> Como sugeriu Flores Galindo, a conclusão alcançada por Bonilla, e articulada mais notoriamente por Julio Cotler, de que o Peru não era uma nação, remontava à uma compreensão do país em termos do que ele não era; por exemplo, uma típica nação europeia onde o nacionalismo havia sido produzido por uma burguesia homogênea. Comparado a este modelo idealizado de Estado-nação, o Peru estava destinado a esperar.<sup>23</sup>

Alguns ensaios publicados durante a década de 80 mostram que estes debates estavam começando a dar frutos. Tanto pesquisadores peruanos como estrangeiros começavam a produzir uma história peruana realmente diferente: uma história comprometida em revelar as “várias faces do Peru”, como esperava Flores Galindo. Discutivelmente, *Buscando un Inca*, trabalho de Aberto Flores Galindo, foi o divisor de águas neste sentido.<sup>24</sup> A obra de Flores Galindo e Manuel Burga, *Apogeo y Crisis de la República Aristocrática*, foram tentativas de escrever uma “história total” peruana. Em *Apogeo y Crisis*, de acordo com Eduar-

<sup>19</sup> S. Stern, *Peru's Indian Peoples and the Challenge of Spanish Conquest: Huamanga to 1640* (Madison, 1982); K. Spalding, *Huarochiri: an Andean society under Inca and Spanish rule* (Stanford, 1984).

<sup>20</sup> Ver D. Poole, 'Antropología e historia andinas', pp. 216-223

<sup>21</sup> Sobre as tensões entre a etnohistória e a Nueva Historia, ver M. Thurner, 'Despues de la etnohistoria: Desencuentros y reencuentros entre discursos antropológicos e históricos', trabalho apresentado no IV Congresso Internacional de Etnohistoria, Lima 23-27 de Junho de 1996. Ver também J. Avila Molero, 'Entre archivos y trabajo de campo: la etnohistoria en el Perú' in C. I. Degregori (ed.), *No hay país mas diverso: Compendio de antropología peruana* (Lima, 2000), pp. 180-203.

<sup>22</sup> O debate é revisitado em S. J. Stern (ed.), *Resistance, Rebellion, and Consciousness in the Andean Peasant World, 18th to 20th Centuries* (Wisconsin, 1987).

<sup>23</sup> Ver J. Cotler, *Clases, estado y nación en el Perú* (Lima, 1992 [originally published in 1978]).

<sup>24</sup> A. Flores Galindo, *Buscando un Inca: Identidad y utopía en los Andes* (Havana, 1986), p. 6.

No entanto, esta noção de uma utopia andina como um veículo para a regeneração nacional já surgiu sob críticas consideráveis, tanto por parte da direita quanto da esquerda. Para Maria Isabel Remy, a utopia andina é levada a absurdos extremos: “Lo’ andino (geografía e historia) termina cargado de todas las virtudes imaginadas (es conservacionista, generador de Nuevo suelo, equilibrado, colectivista, usa fuentes renovables de energía, se sustenta en la reciprocidad, el trueque y la abundancia), en tanto ‘lo’ occidental carga con todo lo negativo (depredador, basado en acumulación individual, la explotación, la concentración el individualismo y la escasez)”.<sup>30</sup> De acordo com Fernando Iwasaki, a Nueva Historia buscou somente negar a existência da nação peruana. Servindo-se dos escritos de Victor Andrés Belaúnde, um escritor e historiador católico e conservador, Iwasaki conclamou por uma *utopía andina* para substituir a *utopía andina* de Flores Galindo: “los peruanos no debemos buscar soluciones subrayando lo que nos diferencia, sino poniendo énfasis en lo que nos une: historia, estado, iglesia, héroes y cultura”.<sup>31</sup> Outros, como Cecília Méndez, criticaram o neo-indigenismo dos “historiadores-profetas” da utopia andina (ela reconheceu que o tratamento dado por Flores Galindo à utopia andina era mais sofisticado do aqueles feitos por outros autores), e apontou que “las más recientes investigaciones revelan que una gran cantidad de supuestos sobre los cuales se han articulado los discursos de la utopía no son otra cosa que mitos”. Méndez demandou uma maior honestidade intelectual: “lo que delata la investigación, más que indios constantemente ‘resistiendo’ la ‘arremetida occidental’, es científicos sociales resistiéndose a admitir la realidad (histórica y actual); sacrificando su rica complejidad en favor de reduccionismos maniqueos o esquemas dicotomistas (occidental versus europeo)”.

Esta historiografia, de acordo com Méndez, estava subordinando a história à política, onde a política é concebida como um movimento “dos intelectuais para o povo”, onde a história é muito mais um instrumento do que um conhecimento, um instrumento para a realização de mudanças desejadas por estes, e de acordo com os quais, heróis, mitos e eras douradas são inventadas, recriadas ou glorificadas.<sup>32</sup> Henrique Urbano criticou a utopia andina por suas características anti-modernas e autoritárias: “en manos de una nueva clase media modelada a partir de un ambiente universitario dogmático y sectario o de

---

<sup>30</sup> Remy, *Historia y discurso social*, p. 291.

<sup>31</sup> F. Iwasaki, *Nación peruana: entelequia o utopía. Trayectoria de una falacia* (Lima, 1988), p. 232. de acordo com Iwasaki “la utopía indicativa de Belaunde consiste en el reconocimiento de una personalidad nacional que se va enriqueciendo a través de la historia (*duración*), impulsada por el *élan vital* del *deber moral* en un proceso que nunca culminará y que convierte a la Peruanidad en una síntesis viviente” (p. 228). Ver a avaliação da crítica de Iwasaki por Flores Galindo in A. Flores Galindo, ‘El rescate de la tradición’ *Márgenes*, Año IV No 8 (1991), pp. 7-19.

<sup>32</sup> C. Méndez, ‘La historiografía peruana en debate’ *Apuntes* 33 (199?); C. Méndez, Incas Sí, Indios No: Notes on Peruvian Creole Nationalism and its Contemporary Crisis’ in *Journal of Latin American Studies* 28:1 (1996), pp. 197-225.

partidos políticos con muchas del fragmentario evangelismo norteamericano, la razón histórica de la utopía andina aplasta aquello que debería liberar: la palabra colectiva, la comunicación entre hombres libres y éticamente responsables, en igualdad de condiciones al expresar su propio deseo en un lenguaje racionalmente inteligible”.<sup>33</sup> Na tentativa de minar as tradicionais perspectivas mitologizantes da história peruana, os fiadores da utopia andina substituíram os velhos mitos por outros mais novos; durante o processo, comprometeu-se a riqueza e a complexidade da história peruana, agora reféns de um objetivo político.<sup>34</sup>

Estes debates históricos acerca da utopia andina coincidiram com o começo de outra transição dentro do panorama historiográfico peruano. A despeito de seu crescimento e sucesso, durante a década de 80 os historiadores ligados a Nueva Historia confrontaram-se com toda uma sorte de desafios que gradualmente começaram a enfraquecer seu domínio dentro da produção historiográfica. Por um lado, uma severa crise econômica começou a minar a capacidade de pesquisa dos historiadores. A hiperinflação corroeu seus mínguaos salários universitários. Muitos foram forçados a abandonar seus postos nas universidades ou foram forçados a procurar por outros empregos. Alguns tornaram-se o que Michael F. Jiménez chamou de “historiadores-taxistas”.<sup>35</sup> Alguns migraram para o Norte. Outros tornaram-se consultores de ONGs locais. Concomitantemente a isto, e de modo não menos importante, a guerra interna entre o Sendero Luminoso e o governo peruano tornou a pesquisa histórica uma aventura arriscada. Muitos dos historiadores esquerdistas foram acusados de serem simpatizantes do movimento guerrilheiro, ou seja, de serem subversivos. Muitos pesquisadores estrangeiros, de maneira justificada, passaram a manter distância do país. Para os pesquisadores peruanos, a guerra somou-se as adversidades da crise econômica. Por fim, a Nueva Historia teve que enfrentar o fim do mundo bipolar e seus efeitos na esquerda peruana. Os mesmos fatores que minaram os estudiosos tiveram um efeito ainda maior nas classes que eles desejavam redimir historicamente e politicamente alçar ao poder: a classe

<sup>33</sup> H. Urbano, ‘Modernidad en los Andes: Un tema y un debate’ in H. Urbano, *Modernidad en los Andes* (Cuzco, 1991), p. XXX

<sup>34</sup> Recentemente, Eduardo Cáceres afirmou que os pesquisadores que criticaram a noção da uma utopia andina como sendo apenas mais um ponto de partida para uma regeneração nacional, não captaram as sutilezas do trabalho de Flores Galindo: “Hay [...] una peculiaridad del estilo historiográfico de Flores Galindo que no sacrifica el rigor en aras del compromiso ético: se recuperan episodios y personajes sin ocultar sus ambigüedades, sus incoherencias, la contradicciones que los atraviesan. Más aún, el rigor intelectual puesto en juego lleva al historiador a descubrir que no hay tal pasado regenerador: ‘tal vez se pueda avanzar hacia la salida si dejamos de estar dominados por los recuerdos. Quizá se trate precisamente de no buscar un Inca’ (Buscando un Inca, p. 117)”. Cáceres, ‘No hay tal lugar’, p. 20.

<sup>35</sup> Ver M. F. Jiménez, ‘The Elision of the Middle Classes and Beyond: History, Politics and Development Studies in Latin America’s ‘Short Twentieth Century’’, in J. Adelman (ed.), *Colonial Legacies: The Problem of Persistence in Latin American History* (New York and London, 1999), pp. 207-228.

operária urbana e o proletariado rural. Nos anos 90, a esquerda peruana e o paradigma que esta sustentava (uma transformação revolucionária da sociedade que levasse ao socialismo) tornaram-se defasados historicamente. Neste sentido, a crise da Nueva Historia não era basicamente a crise de uma forma particular de se fazer história (o marxismo, em um sentido mais amplo), mas sim do papel que os historiadores da Nueva Historia haviam criado para eles mesmos (os ideólogos de consciência histórica revolucionária), e de setores sociais que, uma vez conscientes, levariam esta transformação a cabo.

É nesse contexto que emerge uma geração diferente de historiadores. Estes historiadores eram produto de um diferente locus de produção histórica, onde os debates políticos da década de 70 tornavam-se cada vez menos relevantes. Mesmo que nem todos estivessem dançando a mesma música, os pesquisadores vinculados a Nueva Historia tinham muita coisa em comum. Eles não eram todos marxistas, mas todos, como apontou Pablo Macera, escreviam através de uma perspectiva marxista.<sup>36</sup> Mais, eles se viam como membros de um movimento distinto, de uma vanguarda política e intelectual. Eles dividiam um mesmo objetivo: desafiar as correntes historiográficas tradicionais e contribuir para uma mudança radical da sociedade peruana. Em contraste a isto, os historiadores surgidos durante as décadas de 80 e 90 não estavam ligados uns aos outros por uma mesma ideologia nem dividiam o mesmo objetivo político. Além disso, seu trabalho estava dotado de um espectro muito mais amplo e eclético de perspectivas teórico-metodológicas. Em parte, a ausência de uma única lógica onipresente é produto da profissionalização do ensino universitário no Peru, um processo onde os pioneiros da Nueva Historia tiveram um papel fundamental enquanto professores. Isto é também o produto de um contexto tão carregado ideologicamente e politicamente como era o final dos anos 70 e o começo dos 80, onde ser professor de história e militante político era considerado natural e necessário. Criticamente, enquanto a geração da Nueva Historia cresceu num período de relativa esperança (Revolução Cubana, a descolonização), a nova geração de historiadores cresceu em um ambiente de crise econômica e política. Eles sobreviveram a governos ora incompetentes (Belaúnde), ora corruptos (García), ora mafiosos (Fujimori), uma das guerras internas mais sangrentas da América Latina e uma sucessão de políticas econômicas (micropopulismo neoliberal, seguido de um micropopulismo de centro-esquerda, seguido de um macropopulismo neoliberal) que falharam em responder aos eternos problemas peruanos (pobreza em massa, por exemplo) e exacerbaram outras (autoritarismo e corrupção).<sup>37</sup> Mas alguns historiadores como Cecília Méndez vêm

<sup>36</sup> P. Macera, 'Explicaciones' in *Trabajos de Historia*, vol. 1 (Lima, 1977), p. IXIV

<sup>37</sup> Sobre as recentes políticas econômicas do Peru ver M. Cameron and P. Mauceri, *The Peruvian labyrinth: polity, society, economy* (University Park, 1997); J. Crabtree and J. Tomas, *Fujimori's Peru: the political economy* (London, 1998). Sobre a guerra, ver S. Stern (ed.), *Shining and other paths: war and society in Peru, 1980-1995* (Durham and London, 1998).

nesta permanente crise a emergência de uma nova esperança na “cholíficação” do país: “o fato é que nós nos encontramos diante de um irrefreável processo de fusão e integração cultural – onde a comunicação e a migração desempenham um papel fundamental – que deveria sinalizar o nascimento de uma nova nação”.<sup>38</sup> Certamente, a Nueva Historia quase não prestou atenção para alguns dos principais fatores sociais em fins do século XX: os migrantes que criaram as *barriadas* de Lima e que formam a espinha dorsal de uma enorme e informal economia urbana.<sup>39</sup> Com a exceção do trabalho de Antonio Zapata sobre a história de Villa El Salvador, até o momento, somente antropólogos e cientistas sociais estudaram este assunto.<sup>40</sup>

As novas tendências historiográficas peruanas fazem parte de um movimento global mais amplo em direção à “heteroglossia”.<sup>41</sup> Como em qualquer outro lugar, o “desafio pós-moderno”, com a sua negação acerca da possibilidade de uma verdade histórica, não minaram a ciência histórica, mas sim a revigoraram, abrindo uma série de novas e excitantes avenidas de investigação.<sup>42</sup> Enquanto a Nueva Historia se fiava fortemente no marxismo e no estruturalismo, hoje em dia as ferramentas analíticas utilizadas são cada vez mais diversas, que vão desde a desconstrução textual até a teoria política neo-toquevilleana. O marxismo não foi totalmente abandonado, mas não possui mais a força hegemônica que tinha antes. Se o marxismo sobreviver, não será mais em sua encarnação althusseriana/científica, mas sim através das lentes interpretativas de E.P. Thompson, A. Gramsci e E.Hobsbawm. No entanto, os historiadores adicionaram ao seu escopo interpretativo, as perspectivas oferecidas por Michel Foucault, Jürgen Habermas, Pierre Bourdieu e Lyotard, assim como Mikhail Bakhtin, Roger Chartier, Michel De Certeau, Joan Scott, Benedict Anderson, Clifford Geertz and Ranajit Guha.<sup>43</sup>

<sup>38</sup> Méndez, “Incas Sí, Indios No”, p. 200

<sup>39</sup> Sobre este assunto, ver J. Parodi, *To Be a Worker: Identity and Politics in Peru* (Chapel Hill and London, 2000).

<sup>40</sup> A. Zapata, *Sociedad y poder local: la comunidad de Villa El Salvador, 1971-1996* (Lima, 1996). Sobre a literatura antropológica sobre estas mudanças urbanas ver P. Sandoval, “Los rostros cambiantes de la ciudad: cultura urbana y antropología en el Perú” in C. I. Degregori, *No hay país más diverso*, pp. 278-329. Key recent political science perspectives on this process include S. Stokes, *Cultures in conflict: social movements and the state in Peru* (Berkeley and London, 1995) and H. Dietz, *Urban poverty, political participation, and the state: Lima, 1970-1990* (Pittsburgh, 1998).

<sup>41</sup> Ver P. Burke (ed.), *New Perspectives on Historical Writing* (Cambridge, 2001, second edition).

<sup>42</sup> O desafio pós-modernista à história poder ser remontada à Michel Foucault, que, movido por paradigmas nietzscheanos, desejava acabar com o paradigma da história global e local, de origem hegeliana/marxista, defendida por Fernand Braudel e Pierre Villar, e desejava libertar texto de seu autor. Roland Barthes, na França, e Hayden White, nos EUA, foram ainda mais adiante dentro da teoria foucaultiana, afirmando que toda a história era ficção. Ver G. G. Iggers, *Historiography in the Twentieth Century: From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge* (Hanover and London, 1997) e R. Chartier, “Philosophie et histoire: un dialogue”, in F. Bedarida, *L’histoire et le métier d’historien en France, 1945-1995* (Paris, 1995).

<sup>43</sup> Para uma discussão de como a abordagem de Geertz pode ser aplicada à história, ver W. H. Sewell Jr, ‘Geertz and History: from Synchrony to Transformation’ in *Representations* 59 (1997), pp. 35-55.

De fato, enquanto o surgimento da Nueva Historia significou o rompimento com a historiografia tradicional, as novas correntes estão abertas à possibilidade de diálogo com a Nueva Historia, seguidamente ajustando prévios argumentos, mas também fornecendo importantes reinterpretações.<sup>44</sup> Mais importante, talvez, tenha sido o aumento do espectro de campos de pesquisa histórica, incluindo áreas como a história da leitura, a história da música e a história do planejamento urbano. A noção de fonte material expandiu-se para além do texto escrito para o uso da fala, do objeto e da imagem.<sup>45</sup> Mesmo que não exista uma Nova História Cultural peruana, para combinar com a NHC mexicana, vamos dizer, muitos dos novos estudos (especialmente, mas não unicamente, por historiadores baseados nos EUA) são fortemente influenciados por aquela escola em particular. Ainda que os historiadores ainda dêem preferência para os de baixo, outros grupos subalternos além dos índios, negros, mulheres e imigrantes são objetos de estudo. De modo similar, a análise da dominação e resistência expandiu-se para novas áreas: de fato, ainda que muita da atenção inicial tenha se focalizado nas disputas pela terra entre “haciendas” e comunidades camponesas, ou sobre formas de trabalho *corvée* e outras obrigações, hoje em dia os historiadores voltaram-se para outras arenas de contenção e negociação, como a casa e o convento.

## II

Tendo esboçado o desenvolvimento da historiografia peruana nas últimas décadas, ainda que de maneira breve, me volto agora para o exame das tendências mais recentes dentro da literatura. Devo salientar, contudo, que este trabalho não é uma análise detalhada da historiografia peruana. Juntamente com os polêmicos trabalhos de Flores Galindo e Magdalena Chocano analisados anteriormente, existem uma série de ensaios historiográficos disponíveis para o pesquisador iniciante. Sobre as décadas de 70 e 80, existem uma série de artigos úteis. Um bom lugar para começar é o ensaio de Heraclio Bonilla publicado na *Latin American Research Review*.<sup>46</sup> Efrain Trelles, Christine Hünefeldt e Mario Alfredo Tejada produziram uma série de trabalhos sobre história econômica do

<sup>44</sup> Ver por exemplo as contribuições para o debate sobre o nacionalismo camponês de Mallon e Turner, que utilizam abordagens pós-coloniais. F. Mallon, *Peasant and Nation: The Making of Postcolonial Mexico and Peru* (Berkeley, Los Angeles and London, 1995); M. Thurner, *From Two Republics to One Divided: Contradictions of Postcolonial Nationmaking in Andean Peru* (Durham and London, 1997).

<sup>45</sup> O visual é particularmente proeminente nestes novos estudos: sobre fotografia, ver D. Poole, *Vision, Race and Modernity: A Visual Economy of the Andean Image World* (Princeton, 1997); sobre estatutária, see N. Majluf, *Escultura y espacio público: Lima, 1850-1879* (Lima, 1994). Estudos que utilizam métodos de história oral: L. Tejada, *La cuestión del pan: el anarcosindicalismo en el Perú, 1880-1919* (Lima, 1988) and I. Vega-Centeno, *Aprismo-Popular: Cultura, religión y política* (Lima, 1991).

<sup>46</sup> Ver H. Bonilla, “The New Profile of Peruvian History”, in: *Latin American Research Review*, XVI:3 (1981), pp. 210-224.

Peru nos séculos XIX e XX.<sup>47</sup> A análise de Carlos Contreras sobre estes artigos, escrita na Universidade Católica de Lima entre 1975 e 1982, é outra abordagem útil para o exame das tendências literárias.<sup>48</sup> A *Revista Andina* 9:1 (1991) inclui avaliações bibliográficas da literatura oitocentista sobre história andina e etnohistória (Henrique Urbano), séculos XVI e XVII (Gabriela Ramos e Pedro Guibovich), história econômica do fim do período colonial (Susana Aldana) e do século XIX (Nelson Manrique).<sup>49</sup> Bons trabalhos produzidos fora do Peru são os ensaios escritos por Chuck Walker e Deborah Poole, escritos durante a década de 80.<sup>50</sup> Em um outro nível, Fred Bonner nos fornece uma interessante, ainda que curiosa descrição dos historiadores já estabelecidos na arena peruana e aqueles que ascendiam ao estrelato, por assim dizer, assim como também examina as instituições históricas e as tendências da década.<sup>51</sup> Sobre os anos 90, também existe uma série de ferramentas historiográficas. Algumas, como os ensaios bibliográficos em Klarén (2000), ou os importantes capítulos da *Cambridge History of Latin America*, e da *Cambridge History of the Native Peoples of the Americas*, fornecem um amplo panorama sobre o que foi escrito nos diferentes períodos e quais seus objetos de estudo.<sup>52</sup> Outros ensaios historiográficos são uma tentativa de interpretar e debater estas tendências recentes.<sup>53</sup>

O principal legado nos deixado pelo estruturalismo dos anos 70 e parte dos 80 talvez seja a quantidade de boas histórias regionais à nossa disposição, além de estudos sobre exportação, relações de trabalho e outros tópicos para quase todas as regiões do país. Discutivelmente, as histórias regionais produzidas no

---

<sup>47</sup> Veja seus artigos em H. Bonilla, *Las crisis económicas en la historia del Perú* (Lima, 1986).

<sup>48</sup> C. Contreras, "Nuevas tendencias en la historiografía peruana: Las tesis de la Pontificia Universidad Católica del Perú", in *Histórica* VII:1 (1983), pp. 111-22.

<sup>49</sup> Ver também as contribuições para "La historiografía peruana en debate" in: *Apuntes* 33 by Juan Carlos Estenssoro, Susana Aldana, Cecilia Méndez, Betfor Betalleguz, and Ricardo Portocarrero.

<sup>50</sup> Ver C. Walker, "La historiografía en inglés sobre los Andes: Balance de la década del 80", *Revista Andina* 9:2 (1991), pp. 513-528; D. Poole, Antropología e historia andinas en los EE UU: Buscando un reencuentro, *Revista Andina* 10: 1 (1992), pp. 209-245.

<sup>51</sup> F. Bronner, "Peruvian Historians Today", in *The Americas*, XLIII:3 (1987), pp. 245-77.

<sup>52</sup> Sobre o período colonial, ver também T. Hampe Martínez, "Estudios de historia del Perú colonial en revistas extranjeras, 1978-1984" in: *Apuntes (check number and date)*, pp.109-25. Esta pequena análise engloba cinquenta publicações, divididas em dez grupos temáticos, e também inclui um index por autor e assunto. Outra obra de Hampe Martínez, "Trayectoria y balance en la historiografía peruana: 90 años de la Academia Nacional de la Historia (1905-1995)", in: *Boletín del Instituto Riva Agüero* 23 (1996), pp. 39-61, é um interessante estudo sobre a Academia Nacional de Historia.

<sup>53</sup> Ver os artigos in P. Macera, *Trabajos de historia*, vol. 1 (Lima, 1977); M. I. Remy, 'Historia y discurso social. El debate de la identidad nacional' in J. Cotler (ed.), *Perú 1964-1994. Economía, Sociedad y Política* (Lima, 1995), pp. 275-92; Glave, *Imágenes del tiempo*; M. Burga, "Historia y antropología en el Perú (1980-1998): tradición, modernidad, diversidad y nación", paper presented at the Primer Congreso Internacional de Peruanistas en el Extranjero, Harvard University, 29 April-1 May, 1999; P. Drinot, "After the Nueva Historia"; C. Walker, "The Republic of Indians in the Republic of Peru: Historical and Historiographical Challenges of Incorporating Indians into National Narratives" (mimeo).

Peru estabeleceram parâmetro para a produção de histórias regionais em outras partes da América Latina, principalmente da Bolívia, Colômbia e partes da Argentina.<sup>54</sup> O interesse prematuro em história regional possui uma série de explicações. Primeiramente, o estabelecimento de arquivos regionais ou departamentais foi decisivo para o desenvolvimento da história regional. Ao contrário de outras instituições peruanas, a organização de arquivos documentais não passou por uma centralização excessiva. Em segundo lugar, muitos dos novos historiadores, como afirmei acima, eram *provincianos* e estavam, naturalmente, inclinados a estudar as suas regiões de origem. Em alguns casos, o seu status de nativos lhes possibilitou acesso à materiais de acesso mais difícil, tais como arquivos particulares, por exemplo.<sup>55</sup> Por fim, a história regional do Peru era coerente com os outros objetivos da Nueva Historia. Os historiadores tradicionais muito raramente voltaram seus olhos para além de Lima. Ainda que não excessivamente descentralizadora, a Nueva Historia propunha uma história peruana que oferecia uma perspectiva interiorana para a visão do passado peruano e a imaginação de seu futuro.

A última década conheceu uma série de estudos que expandiram a história regional em direção a regiões negligenciadas, indo além da história econômica e incorporando abordagens culturais e políticas para o estudo das diferentes regiões do Peru. O extremo norte, especialmente o departamento de Piura, recebeu uma atenção significativa, com um grande número de estudos em um volume editado recentemente.<sup>56</sup> Moquegua, um departamento seguidamente ignorado, foi posto no mapa da história regional graças ao estudo de Rice sobre a produção de vinho e brandy.<sup>57</sup> Outras regiões que também receberam atenção recentemente foram Chachapoyas, Ayacucho, Pisco e a Amazônia.<sup>58</sup> Regiões

<sup>54</sup> Glave, *Imágenes del tiempo*, p. 22-3.

<sup>55</sup> Ver o trabalho de Rodrigo Montoya sobre as redes comerciais no sul de Ayacucho, em que utiliza material dos arquivos particulares de dois mercadores importantes. R. Montoya, *Capitalismo y no capitalismo en el Perú: Un estudio histórico de su articulación en un eje regional* (Lima, 1980).

<sup>56</sup> Ver K. Apel, *De la hacienda a la comunidad: La sierra de Piura 1934-1990* (Lima, 1996); A. Diez Hurtado, *Comunes y Haciendas: Procesos de Comunalización en la Sierra de Piura (siglos XVIII al XX)* (Cuzco, 1998); S. O'Phelan Godoy and Y. Saint Geours (eds.), *El norte en la historia regional: Siglos XVIII-XIX* (Lima, 1998). Ver também a edição especial do *Bulletin de l'Institut Français d'Etudes Andines* (20:2, 1991): *Piura et sa région*.

<sup>57</sup> M. Rice, "Wine and brandy production in colonial Peru: A historical and archaeological investigation" in *Journal of Interdisciplinary History* 27: 3 (1997), pp. 455-479.

<sup>58</sup> See D. Nugent, *Modernity at the edge of empire: state, individual, and nation in the northern Peruvian Andes, 1885-1935* (Stanford, 1997); V. Galdo Gutiérrez, *Ayacucho: conflictos y pobreza. Historia regional* (Ayacucho, 1992); V. Peloso, *Peasants on Plantations: Subaltern Strategies of Labor and Resistance in the Pisco Valley, Peru* (Durham and London, 1999). Sobre a Amazônia ver F. Santos Granero and F. Barclay, *Selva Central: History, Economy, and Land Use in Peruvian Amazonia* (Washington and London, 1998); P. García Jordan (ed.) *Fronteras, colonización y mano de obra indígena en la Amazonía Andina (siglos XIX-XX)* (Lima, 1998). Para uma historiografia sobre a borracha do Amazonas ver Frederica Barclay, 'Olvido de una historia. Reflexiones acerca de la historiografía andino-amazonica', *Revista de Indias* LXI:223 (2001), pp. 493-512.v

previamente estudadas receberam atenção renovada. Antes dos anos 90, historiadores que trabalhavam com as serras do sul, concentravam-se nas articulações regionais através do comércio de lã no século XIX e em princípios do XX. Hoje em dia existem uma série de excelentes trabalhos que examinam a história da região através de outras perspectivas, incluindo, para o período colonial, estudos sobre as estradas indígenas, o papel econômico e social dos *forasteros* e o universo cultural e social das províncias de Canas e Quispincanchis em fins do século XVIII. Para o período republicano, as recentes monografias de Guillén Marroquín e José Luis Rénique e suas análises conjuntas, que enfatizam o desenvolvimento de uma economia agrícola regional e do desenvolvimento político e cultural em Cuzco, enquanto que Nils Jacobsen expandiu a análise da economia lanífera para a região de Puno e para o *Altiplano*.<sup>59</sup> O trabalho de José Deustua sobre a mineração e o desenvolvimento de um mercado interno nas serras centrais é uma importante contribuição para estudos anteriores.<sup>60</sup> Mais recentemente, Paul Gootenberg escreveu uma história da cocaína, cuja produção, concentrada no piemonte andino oriental, provavelmente supera, em valor, qualquer outro produto de exportação.<sup>61</sup> A história urbana ainda está por receber a atenção que merece mesmo que exista um bom número de estudos sobre Lima, que tem por foco as políticas de higiene, a urbanização, os artesãos e a mecanização, trabalhadores pouco habilitados e distúrbios por comida, o surgimento de uma classe média urbana e as transformações no lazer e entretenimento em fins do século XIX e início do XX.<sup>62</sup>

<sup>59</sup> M. Glave, *Trajinantes: Caminos indígenas en la sociedad colonial, siglos XVI/XVII* (Lima, 1989); A. M. Wightman, *Indigenous Migration and Social Change: The Forasteros of Cuzco, 1520-1720* (Durham and London, 1990); W. Stavig, *The World of Tupac Amaru: Conflict, Community, and Identity in Colonial Peru* (Lincoln and London, 1999); J. Guillén Marroquín, *La economía agraria del Cuzco, 1900-1980* (Cuzco, 1989); J. L. Rénique, *Los sueños de la sierra: Cusco en el siglo XX* (Lima, 1991); N. Jacobsen, *Mirages of Transition: The Peruvian Altiplano, 1780-1930* (Berkeley and Los Angeles, 1993).

<sup>60</sup> Ver J. R. Deustua, *The Bewitchment of Silver: The Social Economy of Mining in Nineteenth-century Peru* (Athens, Ohio, 2000). Ver também *La minería peruana y la iniciación de la república, 1820-1840* (Lima, 1986).

<sup>61</sup> Ver P. Drinot, 'Peru 1883-1930: A Beggar Sitting on a Bench of Gold', in E. Cardenas, J. A. Ocampo and R. Thorp (eds.), *An Economic History of Twentieth-Century Latin America. Volume 1: The Export Age: The Latin American Economies in the Late Nineteenth and Early Twentieth Centuries* (Basingstoke, 2000), pp. 152-87.

<sup>62</sup> D. S. Parker, 'Civilising the City of Kings: Higiene and Housing in Lima, Peru', in R. Pinco and J. A. Baer, *Cities of Hope: People, Protests, and Progress in Urbanizing Latin America, 1870-1930* (Boulder, Colorado, 1998); Gabriel Ramón Joffré, *La muralla y los callejones: Intervención urbana y proyecto político en Lima durante la segunda mitad del siglo XIX* (Lima, 1999); A. Ruiz Zevallos, *La multitud, las subsistencias y el trabajo: Lima, 1890-1920* (Lima, 2001); D. S. Parker, *The Idea of the Middle Class: White-collar Workers and Peruvian Society 1900-1950* (University Park, 1998); F. Muñoz Cabrejo, *Diversiones públicas en Lima, 1890-1920: La experiencia de la modernidad* (Lima, 2001). See also the essays in A. Panfichi and F. Portocarrero, *Mundos interiores: Lima 1850-1950* (Lima, 1995).

A história política, amplamente negligenciada pela Nueva Historia, retornou com força nos últimos dez anos. Isto faz parte de uma tendência latino-americana mais ampla, e, como nos mostra um recente artigo de Hilda Sabato, os historiadores que trabalham no Peru têm desempenhado um papel fundamental no seu desenvolvimento.<sup>63</sup> Esta literatura, contudo, tem se concentrado no “longo” século XIX, e ainda falta verificar até que ponto sua influência será sentida na escrita sobre os outros períodos.<sup>64</sup> Ainda que tenha sido concebida como uma história de idéias e política, os assuntos por ela examinados são muitos e incluem cidadania, eleições, formas de sociabilidade, opinião pública e, de uma maneira mais vaga, cultura política. Recentemente, Nils Jacobsen e Cristobal Aljovín sugeriram a divisão desta tendência em dois campos: de um lado, aqueles identificados com os estudos sobre hegemonia, com pesquisas sobre as classes subalternas e utilizando-se do conceito de pós-colonialismo (os trabalhos de Florência Mallon, por exemplo); noutro lado, estavam as abordagens “neo-toquevilleanas” sobre a cultura política, tendo como objetos de estudo a sociedade civil, a esfera pública, a natureza ideológica e institucional dos regimes políticos e a cidadania (as pesquisas de François Xavier Guerra, por exemplo).<sup>65</sup> No entanto, como os próprios autores admitem, esta divisão é muito tênue. Alguns estudos recentes sobre o Peru, como tentarei esquematizar abaixo, contêm elementos de ambos os campos.

No campo gramsciano/pós-colonial, a ênfase está na resistência subalterna, vista como algo especial e, até certo ponto, celebrada por estes historiadores.<sup>66</sup> A dialética entre a dominação e a resistência é trazida à tona. Tendo uma estrutura interpretativa influenciada pelo conceito de esfera pública de Habermas, Chuck Walker e Sarah Chambers mostraram que as comunidades rurais e as “plebes” urbanas de Cuzco e Arequipa tiveram um papel ativo no molde das políticas

---

<sup>63</sup> H. Sabato, “On Political Citizenship in Nineteenth-Century Latin America”, in *American Historical Review* (2001), pp. 1290-315

<sup>64</sup> A nova história política tem começado a influenciar estudos sobre o período borbônico. Estudos sobre as reformas políticas e econômicas do século XVIII, como o *Peru borbónico*, e a sobre as rebeliões camponesas, especialmente a de Tupac Amaru, hoje são complementadas pelas tentativas de exame de outras áreas por elas influenciadas, como a educação, higiene pública, etc.. Ver J. Fisher, *El Perú borbónico 1750-1824* (Lima, 2000); C. Walker (ed.), *Entre la retórica y la insurgencia: las ideas y los movimientos sociales en los Andes, Siglo XVIII* (Cuzco, 1996); S. O’Phelan Godoy (ed.), *El Perú en el siglo XVIII: La era borbónica* (Lima, 1999).

<sup>65</sup> N. Jacobsen and C. Aljovín, “Political culture in the Andes: a précis for an edited volume of papers”, ms.

<sup>66</sup> Mesmo que seja difícil enquadrá-los neste esquema, um grande número de estudos sobre Mariátegui, um dos temas favoritos da Nueva Historia, tem sido publicado nos últimos anos. Estes trabalhos focalizam-se nas dimensões de sua vida e obra que permaneceram ignorados, tais como sua infância, seu papel no escândalo do cemitério de Lima em 1917 e as raízes de seu pensamento indigenista. Ver H. Rodríguez Pastor, *José Carlos Mariátegui La Chira: Familia e infancia* (Lima, 1995); W. Stein, *Dance in the Cemetery: José Carlos Mariátegui and the Lima Scandal of 1917* (Lanham, MD, 1997); and G. Leibner, *El mito del socialismo indígena en Mariátegui* (Lima, 1999).

caudilhistas dos primeiros anos da República.<sup>67</sup> De acordo com Cecília Méndez, os camponeses iquichanos de Ayacucho lutaram no lado realista durante as guerras de independência para garantir direitos políticos e econômicos concedidos a eles pelo Estado colonial, e não, como já foi sugerido, por motivos de manipulação ou alienação.<sup>68</sup> Peter Blanchard, Carlos Aguirre e Christine Hünfeldt mostraram que os escravos também tiveram um papel fundamental na abolição da escravidão ao recorrerem a toda uma sorte de estratégias de resistência que gradualmente ajudaram a botar um ponto final naquele sistema.<sup>69</sup> Tanto Florência Mallon quanto Mark Thurner encontram “nacionalismos alternativos” e “políticas republicanas andinas” que ajudaram a solapar as conclusões anteriores sobre a pouco desenvolvida consciência dos camponeses e enfatizaram a cultura política popular andina.<sup>70</sup> A história das imigrações e presenças européias e asiáticas no Peru ajudaram a expandir a noção de *peruanidad* para além da obsoleta dicotomia entre índios e brancos.<sup>71</sup> Todos estes estudos apontam para a existência de noções paralelas de cidadania e nação, alternativas para os projetos nacionais exclusivistas da elite.

<sup>67</sup> C. Walker, *Smoldering Ashes: Cuzco and the Creation of Republican Peru* (Durham and London, 1999); S. Chambers, *From Subjects to Citizens: Honor, Gender and Politics in Arequipa, Peru 1780-1854* (University Park, 1999).

<sup>68</sup> C. Méndez, “Los campesinos, la independencia y la iniciación de la república. El caso de los iquichanos realistas: Ayacucho 1825-1828” in H. Urbano, *Poder y violencia en los Andes* (Cuzco, 1991), pp. 165-223.

<sup>69</sup> Blanchard, *Slavery and Abolition in Early Republican Peru* (Wilmington, 1992); C. Aguirre, *Agentes de su propia libertad: Los esclavos de Lima y la desintegración de la esclavitud, 1821-1854* (Lima, 1993); C. Hünfeldt, *Paying the Price of Freedom: Family and Labor among Lima's Slaves, 1800-1854* (Berkeley and Los Angeles, 1994). Ver também C. Aguirre et al., *Lo africano en la cultura criolla* (Lima 2000).

<sup>70</sup> F. Mallon, *Peasant and Nation: The Making of Postcolonial Mexico and Peru* (Berkeley, 1994); M. Thurner, *From Two Republics to One Divided: Contradictions of Postcolonial Nationmaking in Andean Peru* (Durham and London, 1997).

<sup>71</sup> Sobre a imigração européia ver J. E. Worrall, *La inmigración italiana en el Perú, 1860-1914* (Lima, 1990); G. Bonfiglio, *Los italianos en la sociedad peruana* (Lima, 1994); G. Bonfiglio (ed.), *La presencia europea en el Perú* (Lima, 2001); M. Zanutelli Rosas, *La huella de Italia en el Perú* (Lima, 2001). Os trabalhos sobre imigração asiática cresceram consideravelmente nos últimos anos. Sobre os chineses ver H. Rodríguez Pastor, *Hijos del celeste Imperio en el Perú (1850-1900): Migración, agricultura, mentalidad y explotación* (Lima, 1989) and *Herederos del dragón: Historia de la comunidad china en el Perú* (Lima, 2000); W. Derpich, *El otro lado azul: Empresarios chinos en el Peru (1890-1930)* (Lima, ...); Sobre os japoneses ver I. Lausent-Herrera, *Pasado y presente de la comunidad japonesa en el Perú* (Lima, 1991); G. Thorndike, *Los imperios del sol: Una historia de los japoneses en el Perú* (Lima, 1996); M. Fukumoto, *Hacia un nuevo sol: japoneses y sus descendientes en el Perú: historia, cultura e identidad* (Lima, 1997); L. Roca Torres, *Japoneses bajo el sol de Lambayeque* (Lima, 1997); J. Watanabe, A. Morimoto y Ó. Chambi, *La memoria del ojo* (Lima, ...), A. Morimoto, *Los japoneses y sus descendientes en el Perú* (Lima, 1999). O grosso destes trabalhos concentram-se no período republicano. Para o período colonial ver, F. Iwasaki Cauti, *Extremo Oriente y el Perú, siglo XVI* (Madrid, 1992); Fernando Armas Asín, ‘Herejes, marginales e infectos: Extranjeros y mentalidad excluyente en la sociedad colonial (siglos XVI y XVII)’, *Revista Andina* 15:2 (1997), pp. 355-86; e Peter T. Bradley, ‘El Perú y el mundo exterior: Extranjeros, enemigos y herejes (siglos XVI-XVII)’, *Revista de Indias* LXI:223 (2001), pp. 651-671.

A abordagem neo-toquevilleana também prosperou. Cristóbal Aljovín ajudou clarear nossa visão da vida política peruana durante as três primeiras décadas de emancipação, “a era dos caudillos”. Como ele mostra, as ações dos caudillos estavam enquadradas dentro de estruturas constitucionais e eram moldadas pela emergência do liberalismo.<sup>72</sup> Para o mesmo período, Paul Gootenberg mostrou os reais interesses econômicos que estavam por trás das discussões entre liberais e protecionistas.<sup>73</sup> Em seu estudo sobre as associações cívicas e políticas, Carlos Forment desvendou uma vida política vibrante, marcada por tentativas de democratização nos primeiros anos republicanos.<sup>74</sup> Re-interpretações recentes sobre as eleições do século XIX mostraram que estas não eram tão insignificantes politicamente ou desprovidas de participação popular como concluíram algumas pesquisas anteriores.<sup>75</sup> Um grande número de autores, incluindo Victor Peralta, Joelle Chassin, Nils Jacobsen, Alicia del Aguila e Chuck Walker examinaram a formação da opinião pública durante o final do século XIX e início do século XX.<sup>76</sup> A natureza do republicanismo e do Partido Civilista em meados do século XIX e começo do século XX é tópico de uma acalorada discussão (ver abaixo).<sup>77</sup> O que emerge desta literatura é que, mesmo que a construção da opinião pública fosse um processo horizontal, de cima para baixo, onde as elites buscaram influenciar a opinião pública através do emprego de

---

<sup>72</sup> C. Aljovín de Lozada, *Caudillos y constituciones, Perú: 1821-1845* (Lima, 2000).

<sup>73</sup> P. Gootenberg, *Between Silver and Guano: Commercial Policy and the State in Post-Independence Peru* (Princeton, 1989).

<sup>74</sup> C. A. Forment, “La sociedad civil en el Perú: Democrática o disciplinaria” in: H. Sabato, *Ciudadanía política y formación de las naciones: Perspectivas históricas de América Latina* (Mexico, 1999), pp. 202-230.

<sup>75</sup> G. Chiaramonte, “Andes o nación: La reforma electoral de 1896 en Perú”, in: A Annino, *Historia de las elecciones en Iberoamérica, siglo XIX* (Buenos Aires, 1995); V. C. Peloso, “Liberals, Electoral Reform, and the Popular Vote in Mid Nineteenth Century Peru”, in: V. C. Peloso and B. Tenenbaum, *Liberals, Politics and Power: State Formation in Nineteenth Century Latin America* (Athens, GA and London, 1996); V. Peralta Ruiz, “El mito del ciudadano armado: La ‘semana magna’ y las elecciones de 1844 en Lima” in: Sabato, *Ciudadanía política*, pp. 231-252; Ulrich Mucke, “Elections and Political Participation in Nineteenth Century Peru: The 1871-72 Presidential Campaign”, *Journal of Latin American Studies* 33:2 (2001), pp. 311-46.

<sup>76</sup> V. Peralta, “La revolución silenciada. Hábitos de lectura y pedagogía política en el Perú, 1790-1814”, in: *Anuario de Estudios Americanos* LIV:1 (1997), pp. 107-134; J. Chassin, “Lima, sus elites y la opinión durante los últimos tiempos de la colonia”, in: F. X. Guerra, A. Lempériere et al., *Los espacios públicos en Iberoamérica: Ambigüedades y problemas siglos XVIII-XIX* (México DF, 1998), pp. 241-269; N. Jacobsen, “Public Opinión and Public Spheres in Late Nineteenth Century Peru: A Multi-Colored Web in a Tattered Cloth” in: N. Jacobsen and C. Aljovín, *Political Cultures in the Andes, 1750-1950* (forthcoming); A. del Aguila, *Callejones y mansiones: Espacios de opinión pública y redes sociales y políticas en la Lima del 900* (Lima, 1997); Charles F. Walter, “La orgía periodística: Prensa y cultura política en el Cuzco durante la joven república” *Revista de Indias* LXI: 221 (2001), pp. 7-26.

<sup>77</sup> Carmen McEvoy, *La utopía republicana: Ideales y realidades en la formación de la cultura política peruana (1871-1919)* (Lima, 1997); Ulrich Mucke, *Der Partido Civil in Peru. 1871-1879. Zur Geschichte politischer Parteien und Repräsentation in Lateinamerika* (Stuttgart, 1998).

diferentes tipos de mídia, isto também era um processo que era difícil de controlar, e, logo, estava sujeito a desafios por parte dos de baixo. Um volume recentemente editado sobre o processo de independência examina o período a partir de diversos ângulos e vai mais além dos anacrônicos debates sobre a “independência concedida”.<sup>78</sup> Aqui também, como ocorre com os gramscianos/pós-colonialistas, a dialética entre dominação e resistência é um elemento-chave para esta nova leitura histórica.

Assim como na política, a Nueva Historia negligenciou amplamente a religião. Hoje, contudo, a história da religião é uma próspera área de pesquisa. Ela é, no entanto, um campo extremamente diverso, onde as atenções recaem tanto na construção de um catolicismo andino durante o começo do período colonial como nas relações entre Igreja e Estado nos dois últimos séculos.<sup>79</sup> O período colonial foi objeto de uma série de monografias importantes na última década. Sabine McCormack mostrou como os espanhóis tentaram e falharam em compreender a religião andina que eles encontraram.<sup>80</sup> O trabalho seminal de Pierre Duviols sobre idolatria e sacrifícios foi suplementado por, dentre outros, obras escritas por Gabriela Ramos e Henrique Urbano.<sup>81</sup> Griffith e Mills expandiram a análise sobre a religiosidade alterada para os esquecidos meados do período colonial. Em um artigo interessante, Juan Carlos Estenssoro-Fuchs examinou as dinâmicas da transição entre a dominação da ritualística e da cerimônia para aquela da palavra falada nas campanhas evangelizadoras do começo do período colonial.<sup>82</sup> De uma maneira mais controversa, Ramos sugeriu

---

<sup>78</sup> S. O'Phelan Godoy (ed.), *La independencia en el Perú: De los borbones a Bolívar* (Lima, 2001).

<sup>79</sup> Ver os artigos da edição especial da *Revista Andina* ‘La invención del catolicismo andino, siglos XVI-XVII’, 14:1 (1996) e Iris Gareis, ‘Religión popular y etnicidad: la población indígena de Lima colonial’, *Allpanchis* 40 (1992), pp. 117-143. Sobre a Igreja peruana durante o período republicano, o texto clássico é J. Klaiber, *The Catholic Church in Peru, 1821-1985: a Social History* (Washington DC, 1992). Estudos recentes que examinam a interação entre Igreja e Estado nos dois últimos séculos incluem: N. Sala i Vila, “Gobierno local, Iglesia y Poder en el Perú, 1784-1814” *Revista Andina* 11:1 (1993), pp. 133-57; P. García Jordan, *Iglesia y poder en el Perú contemporáneo* (Cuzco, 1993); e F. Armas Asín (ed.), *La construcción de la iglesia en los Andes* (Lima, 1999).

<sup>80</sup> S. McCormack, *Religion in the Andes: Vision and Imagination in Early Colonial Peru* (Princeton, 1991). Sobre a dimensão cultural deste encontro ver também K. Andrien and R. Adorno (eds.), *Transatlantic Encounters: Europeans and Andeans in the Sixteenth Century* (Berkeley, Los Angeles and Oxford, 1991); N. Manrique, *Vinieron los Sarracenos: El universo mental de la conquista de América* (Lima, 1993); F. Pease G. Y., ‘Spanish and Andean Perceptions of the Other in the Conquest of the Andes’ and R. Adorno, ‘The Art of Survival in Early Colonial Peru’ in W. B. Taylor and F. Pease G. Y., (eds), *Violence, Resistance, and Survival in the Americas: Native Americans and the Legacy of Conquest* (Washington and London, 1994); S. Ramírez, *The World Turned Upside Down: Cross-Cultural Contact and Conflict in Sixteenth-Century Peru* (Stanford, 1996);

<sup>81</sup> P. Duviols, *La lutte contre les religions autochtones dans le Pérou colonial* (Lima and Paris, 1971); N. Griffiths, *The Cross and the Serpent* (Norman, Oklahoma, 1996); K. Mills, *Idolatry and Its Enemies* (Princeton, 1997); G. Ramos and H. Urbano, *Catolicismo y extirpación de idolatrias, siglos XVI-XVII: Charcas, Chile, Mexico, Peru* (Cusco, 1993).

<sup>82</sup> J. C. Estenssoro-Fuchs, “La prédication au Pérou: de l’évangélisation à l’utopie”, *Annales HSS* 51:6 (1996), pp. 1225-1257.

que as interpretações do Taki Onqoy foram influenciadas por leituras ideologizadas por parte dos historiadores e conclamou por uma leitura mais realista e menos apaixonada do material disponível.<sup>83</sup> A literatura sobre a Inquisição também foi beneficiada com a publicação de documentos transcritos, como aqueles coletados por Juan Carlos García Cabrera.<sup>84</sup> Outra tendência importante é o novo interesse pela hagiografia, com estudos sobre Santa Rosa e San Martín de Porras. Diferente da hagiografia tradicional, estas pesquisas recentes almejam estudar os santos dentro de um contexto econômico, político e social mais amplo.<sup>85</sup> Para o período republicano, juntamente com a análise de García Jordan das relações entre Igreja e Estado, Rosa del Carmen Bruno-Jofré, Fernando Armas Asín, Juan Fonseca e Juan Kessler examinaram os desafios liberais e protestantes enfrentados pela Igreja Católica no século XIX e começo do século XX.<sup>86</sup>

Outro desenvolvimento importante dentro da historiografia peruana é a atenção cada vez maior que tem sido dada à mulher e ao gênero. Até recentemente, o sexo feminino recebia pouca atenção dos historiadores (mesmo das mulheres,

---

<sup>83</sup> G. Ramos, "Política eclesiástica y extirpación de idolatrías: discursos y silencios en torno al Taki Onqoy" in: Ramos and Urbano, *Catolicismo y Extirpación*. Uma análise recente sobre as diferentes abordagens e interpretações do Taki Onqoy é J. Mumford, "The Taki Onqoy and the Andean Nation: Sources and Interpretations", *Latin American Research Review* 33:1 (1998), pp. 150-63.

<sup>84</sup> J. C. García Cabrera, *Ofensas a Dios, pleitos e injurias: Causas de idolatría y hechicerías, Cajatambo siglos XVII-XIX* (Cusco, 1994).

<sup>85</sup> Sobre Santa Rosa, ver F. Graciano, "Un verdad ficticia: Santa Rosa de Lima y la hagiografía", in: M. Lemlij e L. Millones eds, *Historia, memoria y ficción* (Lima, 1999); F. Graziano, "Expiación colectiva: Santa Rosa de Lima como salvadora del Perú", *Boletín del Instituto Riva Agüero* (1997), pp. 575-81; T. Hampe Martínez, *Santidad e identidad criolla: estudio del proceso de canonización de Santa Rosa* (Cuzco, 1998); T. Hampe Martínez, "Santa Rosa de Lima y la identidad criolla en el Perú colonial" in: J. A. Mazzoti, *Agencias criollas: La ambigüedad colonial en las letras hispanoamericanas* (Pittsburg, PA, 2000), pp. 215-32; F. Iwasaki Cauti, "Mujeres al borde de la perfección: Rosa de Santa María y las alumbradas de Lima", *Hispanic American Historical Review* 73:4 (1993), pp. 581-613; F. Iwasaki Cauti, "Vidas de santos y santas vidas: hagiografías reales e imaginarias en Lima colonial", *Anuario de Estudios Americanos* 51: 1 (1994), pp. 47-64; L. M. Glave, *De Rosa y espinas: Economía, sociedad y mentalidades andinas, siglo XVII* (Lima, 1998); and Ramón Mujica Pinilla, *Rosa limensis: Mística, política e iconografía en torno a la patrona de América* (Lima, 2001). Uma conferência sobre Santa Rosa foi realizada recentemente na John Carter Browne Library. Para o seu programa ver [http://www.brown.edu/Departments/Watson\\_Institute/CLAS/AR9899/AppendixB.html](http://www.brown.edu/Departments/Watson_Institute/CLAS/AR9899/AppendixB.html). Sobre San Martín, see F. Iwasaki Cauti, "Fray Martín de Porras: santo, ensalmador y sacamuelas" in: *Colonial Latin American Review* 3:1-2 (1994), pp. 159-84; J. A. Del Busto, *San Martín de Porras (Martín de Porras Velásquez)* (Lima, 2001).

<sup>86</sup> P. García Jordan, *Iglesia y poder en el Perú contemporáneo, 1821-1919* (Cuzco, 1991); R. C. Bruno-Jofré, *Methodist Education in Peru: Social Gospel, Politics and American Ideological and Economic Penetration, 1888-1930* (Waterloo, Ontario, 1988); F. Armas Asín, *Liberales, protestantes y masones: Modernidad y tolerancia religiosa* (Lima, 1998); J. Fonseca, *Misioneros y civilizadores: Protestantismo y modernización en el Perú (1915-1930)* (Lima, 2002); J. B. A. Kessler, *Conflict in Missions: A History of Protestantism in Peru and Chile* (Denver, Colorado, 2001).

que tiveram um papel nos primeiros anos da Nueva Historia). Como em qualquer outro lugar, um foco original para a escrita da história das mulheres (e, seguidamente, das grandes mulheres), abriu caminho para estudos como o de Irene Silverblatt, *Moon, Sun and Witches*, que dão grande atenção às relações de gênero.<sup>87</sup> Tanto o período colonial quanto o republicano foram objetos de importantes monografias, artigos e livros sobre o assunto. Como ocorre com a historiografia em geral, a dialética entre dominação e resistência está muito presente nestes estudos. Hünefeldt, concentrando-se na resistência, baseou-se em inúmeros processos para mostrar como as mulheres de Lima faziam uso das novas práticas e discursos liberais para confrontar a sociedade patriarcal durante o século XIX.<sup>88</sup> Maria Edema Mannarelli, enfatizando a dominação, examina como os *higienistas* e escritoras do início do século XX remodelaram o universo físico e social das mulheres de Lima.<sup>89</sup> O gênero também é um tema central nestes novos estudos sobre as instituições religiosas no período colonial. Nancy Van Deusen mostrou que os espaços sagrados, como os *beaterios* e os *recogimientos*, tiveram um importante papel como espaços onde as mulheres podiam se distanciar das suas existências terrenas. Enquanto isto, Kathryn Burns afirmava que os conventos de Cuzco foram fundamentais para a construção de uma economia espiritual na cidade. Ao incorporarem as filhas mestiças dos primeiros espanhóis, os conventos foram importantes para a reprodução da hegemonia espanhola e patriarcal na região. Além disso, eles se tornaram parte integral da economia de Cuzco atuando como instituições financeiras, emprestando grandes quantias de capital, através de alianças econômicas e espirituais tanto com os *criollos* quanto com a nobreza indígena.<sup>90</sup> O entrelaçamento entre gênero e

<sup>87</sup> I. Silverblatt, *Moon, Sun and Witches: Gender Ideologies and Class in Inca and Colonial Peru* (Princeton, 1987). Estudos anteriores incluem S. B. Guardia, *Mujeres peruanas: El otro lado de la historia* (Lima, 1985); L. Miller, "La mujer obrera en Lima, 1900-1930" in: S. Stein (ed.), *Lima obrera 1900-1930*, vol II (Lima, 1987); M. Villavicencio, *Del silencio a la palabra: Mujeres peruanas en los siglos XIX-XX* (Lima, 1992).

<sup>88</sup> C. Hünefeldt, *Liberalism in the Bedroom: Quarreling Spouses in Nineteenth Century Lima* (University Park, Pennsylvania, 2000).

<sup>89</sup> M. E. Mannarelli, *Limpias y modernas: Género, higiene y cultura en la Lima del novecientos* (Lima, 1999).

<sup>90</sup> K. Burns, *Colonial Habits: Convents and the Spiritual Economy of Cuzco, Peru* (Durham and London, 1999); N. E. van Deusen, "Defining the Sacred and the Worldly: *Beatas* and *Recogidas* in Late Seventeenth-Century Lima" in: *Colonial Latin American Historical Review* (1997), pp. 441-77; N. E. van Deusen, "Manifestaciones de la religiosidad femenina en el siglo XVII: las beatas de Lima", *Histórica* XXIII:1 (1999), pp. 47-78. Sobre o uso da religião para o regulamento da sexualidade e das relações entre homem e mulher ver F. Armas Asín, "Religión, género y construcción de una sexualidad en los Andes (siglos XVI y XVII)". Un acercamiento provisional, *Revista de Indias* LXI: 223 (2001), pp. 673-700. Para um texto mais convencional sobre as mulheres e a vida monástica no início do período colonial ver, A. Fernández Fernández, L. Leiva Viaca, M. Guerra Martiniere, and L. Martínez Alcalde, *La mujer en la conquista y la evangelización en el Perú (Lima, 1550-1650)* (Lima, 1997).

etnicidade, muito presente no trabalho de Burns, também está presente em um bom número de ensaios em dois volumes sobre história do gênero, recentemente lançados e também no estudo de Marisol de la Cadena sobre a mestiçagem em Cuzco durante o século XX.<sup>91</sup>

Estes são apenas alguns dos temas desenvolvidos pela historiografia peruana na última década. O campo é, entretanto, muito maior e inclui, enfatizando alguns temas adicionais, estudos sobre ciência, tecnologia e medicina, ilegitimidade no século XVII, a infância no século XVIII e a formação de uma classe média urbana durante o século XX.<sup>92</sup> Em contraste com outros países latino-americanos como o México e o Brasil, a nova história econômica (especialmente do tipo clio-métrico), ainda está por causar impacto no Peru, mesmo que Alfonso Quiroz e Paul Gootenber tenham produzido bons estudos sobre as finanças, preços e idéias econômicas do século XIX.<sup>93</sup> O inverso vem ocorrendo com a história dos negócios no Peru que, a despeito dos obstáculos encontrados pelos pesquisadores, tem dado muitas contribuições para uma melhor compreensão do desenvolvimento da economia peruana.<sup>94</sup> Diferentemente, a história ambiental, um campo crescente em outros países, ainda está engatinhando no Peru.<sup>95</sup> Significativamente, a nova historiografia também

<sup>91</sup> Ver M. Zegarra (ed.), *Mujeres y género en la historia del Perú* (Lima, 1999) and N. Henríquez, *El hechizo de las imágenes: estatus social, género y etnicidad en la historia peruana* (Lima, 2000). M de la Cadena, *Indigenous Mestizos: The Politics of Race and Culture in Cuzco, Peru, 1919-1991* (Durham and London, 2000). Sobre mestiçagem ver também os ensaios em H. Tomoeda and L. Millones, *500 años de mestizaje en los Andes* (Lima, 1992).

<sup>92</sup> Ver M. Cueto, *Excelencia científica en la periferia: Actividades científicas e investigación biomédica en el Perú 1890-1950* (Lima, 1989) and *El regreso de las epidemias: Salud y sociedad en el Perú del siglo XX* (Lima, 1997); María Emma Mannarelli, *Pecados públicos: la ilegitimidad en Lima, siglo XVII* (Lima, 1994); B. Premo, "Pena y protección: delincuencia juvenil y minoridad legal en Lima virreinal, siglo XVIII" in: *Histórica* XXIV:1 (2000), pp. 85-120; D. Parker, *The Idea of the Middle Class: White-collar Workers and Peruvian Society 1900-1950* (University Park, 1998).

<sup>93</sup> A. W. Quiroz, *La deuda defraudada: Consolidación de 1850 y dominio económico en el Perú* (Lima, 1987); A. W. Quiroz, *Banqueros en conflicto: Estructura financiera y economía peruana, 1884-1930* (Lima, 1989); A. W. Quiroz, "Reassessing the Role of Credit in Late Colonial Peru: *Censos, Escrituras and Imposiciones*", *Hispanic American Historical Review* 74:2 (1994), pp. 193-230; P. Gootenberg, "Carneros y Chuño: Price Levels in Nineteenth-Century Peru", in: *Hispanic American Historical Review* 70:1 (1990), pp. 1-56; P. Gootenberg, *Imagining Development: Economic Ideas in Peru's "Fictitious Prosperity" of Guano, 1840-1880* (Berkeley, Los Angeles, London, 1993).

<sup>94</sup> R. Miller, "Business History in Peru", in: C. Dávila and R. Miller (eds.), *Business History in Latin America* (Liverpool, 1999).

<sup>95</sup> Ver, J. Martínez Alier, "La interpretación ecologista de la historia socio-económica: algunos ejemplos andinos" in: H. Urbano (ed.), *Modernidad en los Andes* (Cuzco, 1991), pp. 225-68; L. Seiner, *El Fenómeno El Niño en el Perú: Reflexiones desde la Historia*, in: *Debate Agrario* 33 (2001); ver também a tese de doutorado sobre o guano no século XX de Gregory Cushman at UT-Austin (em progresso).

encontrou seu caminho em uma série de obras de caráter geral.<sup>96</sup> Nelson Manrique publicou uma história do período republicano baseando-se extensivamente na história regional, área na qual foi um dos pioneiros. A *Historia del Perú Contemporáneo* de Marcos Cueto e Carlos Contreras, escrito como uma espécie manual escolar, incorpora algumas das abordagens da nova história política do século XIX. Contudo, assim como o estudo abrangente da história peruana realizado por Peter Klarén, o livro de Cueto e Contreras é bem tradicional em sua estrutura. Concentra-se basicamente na política e, numa menor extensão, na economia do país. Os processos culturais são raramente mencionados. As mulheres estão ausentes. É um livro importante e claro. Apresenta uma escrita histórica influenciada e informada pelos novos conhecimentos. Mas, claramente, ainda há muito a ser feito.

### III

Antes de voltar à minha discussão sobre o caráter mutante da historiografia peruana, eu gostaria de fazer uma apreciação sobre a relação entre os historiadores peruanos e estrangeiros que trabalham com história do Peru. Alguns dos mais sofisticados trabalhos de história produzidos no Peru atualmente devem-se ao trabalho de historiadores de fora do país. Como os próprios historiadores peruanos admitiram, os estrangeiros que trabalham com história peruana revigoraram a disciplina ao introduzirem novas perspectivas e abordagens teóricas (Flores Galindo). Contudo, como nos mostra um recente debate entre Carmen McEvoy e Ulrich Mücke, existe uma certa tensão entre os historiadores peruanos e estrangeiros.<sup>97</sup> Em um nível, a discussão entre Mücke e McEvoy envolve dois pesquisadores trabalhando com o mesmo assunto através de perspectivas diferentes. Mücke critica McEvoy por aceitar o discurso do Partido Civilista como uma evidência do projeto democrático e inclusivo, fracassando em comparar o discurso do partido com as suas ações. Em sua réplica, McEvoy afirma que Mücke não faz mais nada além de repetir o velho bordão marxista sobre o Partido Civilista, considerado por Bonilla e outros como sendo “el medio de expresión y cooptación de la elite dominante” (p. 185). Aqui eu gostaria de me concentrar em uma acusação feita por McEvoy. Apontando o desconforto de Mücke com o uso de sua “utopia republicana” como o mecanismo ideológico

<sup>96</sup> N. Manrique, *Historia de la república* (Lima, 1995); M. Cueto and C. Contreras, *Historia del Perú contemporáneo* (Lima, 1999); P. F. Klarén, *Peru: Society and Nationhood in the Andes* (Oxford, 2000). Ver também F. Pease, *Breve historia contemporánea del Perú* (Mexico, 1995); H. Neira, *Hacia la tercera mitad, Peru XVI-XX: Ensayos de relectura herética* (Lima, 1997).

<sup>97</sup> Ver U. Mücke, “Utopía republicana o partido político? Comentario sobre una nueva interpretación del primer civilismo” in: *Histórica* XXII:2 (1998), pp. 273-88; and C. Mc Evoy, “De plumas, impurezas historiográficas y democracias bastardas: a propósito de una reseña” in *Histórica* XXIV:1 (2000), pp. 183-195.

das lutas políticas dos séculos XIX e XX, McEvoy afirma o seguinte: “Pareciera ser que son las ‘utopias andinas’, más no las urbanas, con sus *topos* en la ciudad, las que entusiasman y deleitan a los academicos extranjeros” (p. 189).

Há alguma verdade nesta afirmação? O historiadores estrangeiros são realmente propensos a uma “andianização” da história peruana, em detrimento de uma história que inserisse o Peru dentro de um contexto europeu mais amplo? McEvoy parece insinuar que a predileção dos historiadores estrangeiros por utopias andinas os cega para a existência de outros projetos políticos não-andinos. Esta afirmação não é dirigida diretamente a Mücke, que, afinal de contas, estuda um projeto político supostamente não-andino (Partido Civilista), mas sim a um grande número de historiadores, especialmente àqueles baseados nos Estados Unidos, que vêem nos movimentos camponeses e populares uma alternativa política imaginária. A crítica de McEvoy, contudo, parece-me equivocada por uma série de razões. Em primeiro lugar, como nos mostra uma série de novos estudos, é bem grande a linha divisória entre temas andinos e não-andinos. Além disso, os historiadores peruanos como Flores Galindo e Manuel Burga, com vimos acima, foram muito mais atraídos pelos temas andinos do que os historiadores não-peruanos. De um modo geral, a atração dos historiadores por estes tópicos tem muito mais a ver com as suas inclinações do que com as suas nacionalidades. De fato, todos os historiadores (peruanos ou não) possuem simpatias políticas. Estas simpatias costumam pesar na escolha de um tópico. É justo afirmar que a maioria dos historiadores estrangeiros atraídos pelo Peru é “progressista”, mesmo que não seja necessariamente esquerdista. Sendo assim, é provável que sejam mais simpáticos aos pobres e oprimidos do que às elites. Mas isto também é verdadeiro para os historiadores peruanos. Isto, no entanto, não é um problema. Como sugeriu Alan Knight em um ensaio recente, “nós não deveríamos julgar o valor de uma obra ou escola histórica nos termos de suas tendências políticas. Deveríamos julgá-las nos termos da força de seus argumentos e fundações empíricas. Existem, penso eu, histórias radicais boas e ruins assim como existem histórias conservadoras boas e ruins”.<sup>98</sup> Por fim, a crítica de McEvoy é também inválida pelo fato de que as diferenças (de tópicos, de abordagens metodológicas e perspectivas teóricas) entre historiadores peruanos e estrangeiros sempre foram confusas e estão tornando-se ainda mais, dada à quantidade cada vez maior de jovens historiadores peruanos que buscam complementar e qualificar seus estudos no Exterior. A maioria dos historiadores peruanos recentes estão complementando sua educação no exterior, especialmente nos EUA e no Reino Unido, mas também na França (Juan Carlos Estenssoro, Pablo Luna), Espanha (Teodoro Hampe, Victor Peralta, Ricardo Portocarrero) e México (Fanny Muñoz, Tito Bracamonte). Estes historiadores,

<sup>98</sup> A. Knight, “Subalterns, Signifiers and Statistics: Perspectives on Mexican Historiography”, in *Latin American Research Review* 37:2, 143.

como a própria McEvoy, que estudou na Universidade da Califórnia em San Diego e leciona na Universidade do Sul, em Sewanee, Tennessee, são tão instrumentais quanto os estrangeiros na transmissão e geração de novas idéias.

#### IV

A despeito do diferente contexto político e ideológico, o novo conhecimento histórico tem sido produzido. Alguns destes novos historiadores compartilham a crença da Nueva Historia de que a história tem um papel social e cívico, mesmo que não inteiramente político, a cumprir. Neste sentido, muitos concebem seu *metier* de um modo que pareceria estranho a muitos historiadores europeus e americanos.<sup>99</sup> Eles trabalham dentro da premissa que as suas pesquisas não são somente relevantes ao Peru moderno, mas também podem contribuir para tornar o país um melhor lugar para eles e para outros viverem. Marcus Cueto, por exemplo, tem esperança de que a sua história das epidemias possa contribuir para “fortalecer los elementos de solidaridad, integración y equidad que permitan superar la fragmentación y la desigualdad que atraviesan al Perú”.<sup>100</sup> Carmen McEvoy também vê a relevância de seus estudo sobre a cidadania e o republicanismo em fins do século XIX em termos estritamente contemporâneos: “Los persistentes intentos por hegemonizar un discurso neo-liberal en la región además de estar reduciendo, en aras de la eficiencia, el campo de acción del Estado, está también, paradójicamente, privatizando a la sociedad civil. El establecimiento de una conexión indisoluble entre democracia y ciudadanía además de permitirnos evaluar muchos de los modelos políticos vigentes, puede colaborar en dar luces en torno a la difícil relación entre sociedad civil y poder político.”<sup>101</sup>

Mary Fukumoto também espera que o seu livro sobre os nipo-peruanos possa contribuir para criar um Peru “más integrado, donde los diferentes grupos que conforman su variada población sean respetados como peruanos sin importar su origen ni color”.<sup>102</sup> Dado que a sociedade peruana continua mergulhada em profundas divisões sociais, raciais e sexuais, o engajamento social destes historiadores não é nada surpreendente. O que dificilmente está posto nestes estudos é *como* eles irão melhorar o Peru. Estes livros acadêmicos serão lidos por uma pequena quantidade de peruanos, normalmente aqueles não afetados pela “fragmentação e desigualdade”. Presumivelmente, como os pesquisadores da Nueva Historia antes deles, estes autores pretendem que suas pesquisas sejam

---

<sup>99</sup> Isto seria, no entanto, bem familiar aos historiadores alemães da Escola de Bielefeld, cujos trabalhos sobre a Alemanha entre-guerras é permeado da crença, influenciada por Horkheimer e Habermas, da responsabilidade política da história. Ver Iggers, *Historiography*, p. 70.

<sup>100</sup> Cueto, *El regreso de las epidemias*, p. 226.

<sup>101</sup> McEvoy, *La utopía republicana*, p. 444.

<sup>102</sup> Fukumoto, *Hacia un nuevo sol*, p. 30.

filtradas e alterem a narrativa histórica geral, influenciando na consciência histórica peruana. Se este é o caso, devemos prestar uma maior atenção aos mecanismos de transmissão.

Podemos considerar, ainda que discutivelmente, a escola como a principal instituição responsável pela criação de uma consciência histórica nacional.<sup>103</sup> Como percebeu Phillipe Joutard, o ensino de história nas escolas tradicionalmente possuía quatro objetivos: (I) o estabelecimento da memória coletiva, (II) ser um vetor de identidade nacional, (III) a preparação do aluno para compreender o mundo no qual ele crescerá e (IV) o desenvolvimento de um pensamento crítico.<sup>104</sup> No Peru, como em qualquer outro lugar, o ensino de história nas escolas serviu somente aos dois primeiros, através da invenção de uma história linear e unitária da história nacional e da promoção de formas vulgares de nacionalismo. Em um artigo recente, onde revisa excertos de livros escolares, Chuck Walker argumenta que a “história tradicional” ainda domina a narrativa histórica peruana: “textbooks used in Peru tend to replicate conventional perspectives. These seemingly antiquated, but quite persistent interpretations overlook the role of the lower classes and the provinces in modern Peru or use essentialized, often blatantly racist depictions of the Indians”. (os livros escolares utilizados no Peru tendem a repetir perspectivas tradicionais. Estas interpretações aparentemente antiquadas, porém persistentes, ignoram o papel das classes baixas e das províncias no Peru moderno ou utilizam-se de descrições claramente racistas dos índios).<sup>105</sup> Ele conclui que as narrativas nacionais ou ainda não conseguiram alcançar a historiografia recente ou, mais precisamente, os historiadores ainda não conseguiram inserir suas descobertas inovadoras num campo mais amplo de escritos e discussões sobre o passado peruano e seu peso no presente do país.<sup>106</sup> Esta conclusão ecoa as descobertas de um grupo de historiadores peruanos que, em 1993, publicou um livro que discutia a natureza do ensino de história no Peru. De acordo com sua análise dos currículos montados pelo Ministério da Educação, o ensino de história deixava muito a desejar. Mesmo que bons livros escolares estivessem disponíveis (os trabalhos de Franklin Pease, Juan Ansión e Pablo Macera, assim como o utilizado pela Escola Reyes Rojos), as obras mais vendidas reproduziam uma história mitologizada, para ser apenas memorizada e regurgitada, não deixando espaços para discussão ou para o uso criativo das informações históricas.<sup>107</sup> Os livros e

<sup>103</sup> A. Luykx, *The Citizen Factory: Schooling and Cultural Production in Bolivia* (Albany, 1999).

<sup>104</sup> P. Joutard, “L’enseignement de l’histoire” in: F. Bedarida, *L’histoire et le métier d’historien*, pp. 45-55.

<sup>105</sup> É interessante notar que os websites com conteúdo histórico, mais um mecanismo de transmissão da narrativa histórica, também tendem a reproduzir a historiografia tradicional. Ver [www.adonde.com/historia/index.html](http://www.adonde.com/historia/index.html)

<sup>106</sup> Walker, “The Republic of Indians”

<sup>107</sup> M. Burga, R. del Aguila, J. J. Vega, A. Rodríguez and J. Alvarez, *Sobre la nueva historia del Perú* (Lima, 1993), p. 23.

os currículos, entretanto, não são os únicos meios para a transmissão da narrativa histórica nacional. Escrevendo em 1988, Flores Galindo percebeu que, embora os livros escolares continuassem a retratar a visão tradicional da história peruana, dentro da sala de aula, as coisas começavam a mudar gradualmente. Baseando-se na pesquisa realizada pelo sociólogo Gonzalo Portocarrero, Flores Galindo argumenta que a *idéia crítica* havia conseguido adentrar as escolas e universidades e, em alguns casos, havia conseguido substituir a interpretação tradicional da história nacional. De acordo com Flores Galindo, a *idéia crítica* pode ser resumida da seguinte maneira: “los males del país arrancan con la conquista, los incas fueron un momento de esplendoroso desarrollo negado por la colonia (mita y despoblación), que no pudo superarse durante la independencia y cuya liquidación aguarda como tarea perentoria para el futuro inmediato”.<sup>108</sup> Esta versão da história que se moveu da universidade para as escolas carregada pelos professores era muito influente nas salas de aula. Sendo assim, a despeito da permanência da versão tradicional da história peruana nos livros escolares, o que as crianças aprendem com seus professores não se enquadra necessariamente com o que elas encontram nos livros.

Nas escolas e na maior parte das universidades, os Peruanos são expostos a uma esquizofrenia historiográfica: o Peru possui duas narrativas históricas, contraditórias e negativas, que são praticamente impermeáveis à historiografia mais recente e que não estimulam as habilidades intelectuais ou convidam à reflexão crítica. Conseqüentemente, a maior parte dos peruanos desenvolvem uma consciência histórica que, além de ser negativista, fracassa tanto em prepará-los para a compreensão do mundo em que vivem quanto no desenvolvimento de um pensamento crítico. Isto não é de todo surpreendente; não é muito menos um caso isolado. Na França, a pátria da maior parte das inovações históricas, o ensino de história nas escolas ainda é fundamentalmente baseado nas *classes magistrales* e na memorização. O que é ensinado é altamente seletivo: somente nos últimos anos uma discussão histórica sobre alguns aspectos não tão gloriosos do passado francês (Argélia, Vichy) adentraram os currículos e o domínio histórico público. Mas, obviamente, o fato de o Peru não estar sozinho nesta empreitada não é uma justificativa para deixar as coisas do jeito que estão. Neste sentido, eu compartilho da demanda de Walker por uma modificação da narrativa histórica geral e, juntamente com ele, celebro a publicação do livro escolar escrito por Marcos Cueto e Carlos Contreras. Mesmo que este livro esteja longe de ser perfeito, ainda assim é uma contribuição importante. Os autores estão claramente conscientes dos problemas que eles estão tentando abordar: a ausência de livros escolares adequados. A resolução do problema é vista como sendo a fusão da educação, do desenvolvimento e da igualdade: “La falta de resolución de este problema puede ser sumamente grave, ya que promueve la difusión de

---

<sup>108</sup> Flores Galindo, “La imagen y el espejo”, pp. 66-7.

una visión histórica superficial del pasado, llena de lugares comunes e interpretaciones fáciles o maniqueas que desalientan la reflexión sobre los orígenes de los problemas, diluyen las posibilidades de identidad y vinculación con grupos sociales y étnicos diferentes que habitan el mismo territorio, y reducen la capacidad para imaginar el desarrollo y aspirar colectivamente a un futuro mejor”.<sup>109</sup> Neste sentido, os autores vêem seu livro como sendo a tentativa de desenvolver uma consciência histórica mais sofisticada, funcionando como uma ferramenta para mudanças sociais.

A publicação do livro de Contreras e Cueto é motivo para otimismo. No entanto, me parece claro que os historiadores também devem direcionar suas atenções para a maneira pela qual a história é ensinada nas universidades, em parte aos cursos de história, naturalmente, mas especialmente aos estudantes dos cursos de educação, que serão os professores escolares de amanhã. Neste sentido também existem alguns desenvolvimentos encorajadores. Como mostrou Carlos Contreras, as teses históricas da Universidade Católica são indicadores úteis sobre qual tipo de história tem sido produzido no Peru ou, pelo menos, no departamento de história daquela universidade em particular.<sup>110</sup> Contreras estudou as teses entregues entre 1975 e 1982 e mostrou que, em termos de cobertura, a história colonial ultrapassava a história republicana e que os dois séculos extremos, o século XVI e o XX, recebiam a maior parte das atenções. Se nós reproduzirmos este exercício para o período de 1983-2001 podemos encontrar uma mudança interessante.<sup>111</sup> Mais de um terço das teses concentram-se no século XIX. O século XX recebe menos atenção que os outros períodos com exceção da era pré-hispânica, que continua sendo ignorada pelos pesquisadores. Com relação aos temas, a história política e a história cultural sobrepõem a história econômica e a história social. Se dividirmos a década de 80 da de 90, podemos perceber que a mudança em direção à história cultural é ainda maior. No entanto, me parece difícil ver mais alguma tendência além da crescente importância das histórias política e cultural.

Teses recentes sobre história política incluem um estudo das eleições de 1912, uma biografia de Jorge Guillermo Leguía, um estudo sobre o Partido Constitucional, análises do mundo intelectual do jovem Mariátegui e da ideologia e política do jovem Riva-Aguero, o pensamento político de Nicolas de Piérola, a liderança do Partido Civilista e a mentalidade oligárquica.<sup>112</sup> O marco tempo-

---

<sup>109</sup> Contreras and Cueto, *Historia del Perú contemporáneo*, p. 14.

<sup>110</sup> Contreras, *Nuevas tendencias*.

<sup>111</sup> Percebam bem que as conclusões aqui chegadas são conjecturais. Eu não li todas as teses e sou guiado principalmente pelos títulos.

<sup>112</sup> H. Leceta Gálvez, “Las multitudes políticas de Lima y Callao de 1912 y la elección de Billinghurst” (2001); J. G. Guzmán Sánchez, “Vida y obra de Jorge Guillermo Leguía” (1998); I. E. Millones Mariñez, “El Partido Constitucional: Miembros y utilidad de ser miembro de un partido político durante la República Aristocrática” (1998); R. F. Portocarrero Grados, “Intelectuales y sociedad en la Lima de principios de siglo: el caso del joven Mariátegui” (1997); L. M. Gómez Acuña, “Ideología

ral destas teses está claramente enquadrado em fins do século XIX e raiar do XX. Alguns são indubitavelmente influenciados pelo trabalho de Carmen McEvoy sobre o Partido Civilista e cidadania do século XIX, mas outros, como o trabalho sobre o jovem Mariátegui, correspondem a uma tradição historiográfica diferente. Dentro do amplo campo considerado como cultural, podemos encontrar uma diversidade ainda maior. A história das mentalidades é influência clara em uma série de casos, como, por exemplo o estudo de Claudia Rosas sobre a imagem da Revolução Francesa no Peru setecentista.<sup>113</sup> Muitos destes jovens historiadores voltaram-se para o estudo da família como uma unidade de análise histórica.<sup>114</sup> Um desenvolvimento interessante é a atenção dada à política educacional dos séculos XVIII e XIX.<sup>115</sup> Existe também um bom número de estudos sobre a imigração no Peru, cobrindo principalmente as variantes judias, polonesas, italianas, suíças e alemãs.<sup>116</sup> As dimensões iconográficas, políticas, sociais e culturais da morte nos séculos XVII e XIX também são examinadas.<sup>117</sup> As artes e o lazer são objetos de estudo, com teses sobre a fotografia no início do século XX, artes dramáticas na transição do período colonial para o republicano, o papel social e político da música no século XIX, construção da Nação e teatro na aurora do século XIX e entretenimento público no século XX.<sup>118</sup>

---

y política en José de la Riva Agüero y Osma: los años de juventud" (1997); L. V. Leiva Viavaca, "Pensamiento político de Nicolás de Piérola durante su gobierno constitucional (1895-1899)" (1996); S. Olaechea, "La dirigencia en el Partido Civil: aproximaciones hacia una mentalidad moderna" (1993); R. M. Macara Cevallos, "El mundo de la mentalidad oligárquica" (1993).

<sup>113</sup> C. Rosas Lauro, "La imagen de la Revolución Francesa en el Virreynato peruano a fines del Siglo XVII" (1997).

<sup>114</sup> F. Janssen Frasson, "Tierra y familia: el caso de la Hacienda Torreblanca (1548-1862)" (2000); J. A. Cosamalon Aguilar, "Matrimonios indígenas y convivencia inter-racial en Lima colonial, Santa Ana, 1795-1820" (1993); D. González del Riego Espinoza, "Matrimonio y familia en el contexto de la sociedad colonial limeña en el siglo XVI" (1993); P. Rizo-Patrón Boylan, "Familia, matrimonio y dote en la nobleza de Lima: los De la Puente, 1700-1850" (1989).

<sup>115</sup> G. A. Espinoza Ruiz, "Despotismo ilustrado y reforma educativa: el Real Convictorio de San Carlos de Lima, entre 1770 y 1817" (1996); R. D. Cubas Ramacciotti, "La propuesta nacional y educativa de Bartolomé Herrera: la reforma del Convictorio de San Carlos de 1842" (1999).

<sup>116</sup> S. Fleischman Husid, "Apuntes para la historia de la inmigración judía en el Perú (1850-1950)" (1985); M. G. Marcone Flores, "Inmigración espontánea europea e ideología civilista en el Perú siglo XIX: el caso italiano" (1990); N. A. "La inmigración polinésica en el Perú 1862-1864" (1993); N. Sobrevilla Perea, "Ideología inmigracionista y los experimentos de inmigración dirigida en Latinoamérica del siglo XIX: el caso de los tirolese y renanos en Pozuzo" (1999).

<sup>117</sup> I. Barriga Calle, "Aproximación a la idea de la muerte (Lima, siglo XVII): un ensayo iconográfico" (1991); C. Casalino Sen, "La muerte en Lima en el Siglo XIX: una aproximación demográfica, política, social y cultural" (1999).

<sup>118</sup> L. Peñaherrera Sánchez, "Un documento histórico: la fotografía en el Perú (1895-1919)" (1984); R. A. Cantuarias Acosta, "El arte dramático en Lima de la Colonia a la República" (1992); J. C. Estensoro Fuchs, "Música, discurso y poder en el régimen colonial" (1990); M. Ricketts Sánchez-Moreno, "El teatro en Lima y la construcción de la nación republicana, 1820-1850" (1996); F. G. Muñoz Cabrejo, "Diversiones públicas en Lima 1890-1920: la experiencia de la modernidad" (1999).

A diversidade dos tópicos escolhidos pelos estudantes de história da Universidade Católica apontam para uma academia mais dinâmica e receptiva a temas e tendências mais amplas. Isto é surpreendente se levarmos em conta que, com algumas exceções, o seu departamento de história ainda é controlado por professores conservadores. Uma parte deste dinamismo emana dos próprios estudantes, que já há alguns anos levam a cabo um colóquio anual de estudantes de história. O papel do recém falecido Franklin Pease também deve ser levado em consideração. Pease orientou as teses de muitos dos melhores historiadores das últimas três décadas, incluindo Scarlett O'Phelan, Efraín Trelles, Teodoro Hampe, Fernando Iwasaki Cauti, Liliana Regalado, Susana Aldana, Miriam Salas e Pedro Guibovich.<sup>119</sup> Além disso, muitos dos antigos estudantes da Universidade Católica agora lecionam na universidade e sua entrada ajudou a revigorar o seu ensino de história. Na Universidade de San Marcos, Manuel Burga, agora reitor da instituição, trouxe consigo um expressivo time de jovens historiadores, que inclui Cristobal Aljovín, Tito Brancamonte, Maria Emma Mannarelli, Ivan Hinojosa e Fanni Muñoz para a Unidade de Pós-graduação da Faculdade de Ciências Sociais. A Unidade fornece tanto o curso de mestrado quanto o de doutorado. Em contraste, o ensino de história na graduação ainda está por ser revigorado. De fato, uma das metas do curso de mestrado é “elevar considerablemente los niveles de preparación y capacitación de los egresados y docentes de la universidad, lo cual redundará en muy breve plazo en la calidad de la enseñanza que se imparte en el pre-grado, que permitirá recuperar, innovar y desarrollar para la UNMSM su tradicional liderazgo en las investigaciones históricas en el Perú”.<sup>120</sup> Se estas iniciativas vão ser reproduzidas nas outras universidades de Lima, só o tempo dirá. Mas só o fato de elas existirem já é um motivo para otimismo.

## V

Neste trabalho tentei traçar a evolução da historiografia peruana nos últimos trinta anos, aproximadamente. Mais especificamente, tentei mostrar como as mudanças historiográficas que transformaram a história acadêmica do Peru estão inseridas dentro de um contexto social, político e econômico bem específico. Como a revolução dos *Annales* na França, a Nueva Historia representou um claro rompimento com a historiografia tradicional. Em contraste com isto, a relação da historiografia mais recente com a Nueva Historia é mais fluida, mesmo que suas origens estejam ligadas ao peso do engajamento político da Nueva Historia. Entretanto, considerando que a maioria dos historiadores trabalhando no Peru hoje em dia vê seu trabalho como sendo muito mais do que

<sup>119</sup> Castelli Gonzales and J. C. Crespo, “Presencia de Franklin Pease”, *Histórica* XXIII:2 (1999), pp. 245-252.

<sup>120</sup> Ver <http://200.10.69.174/default.htm>.

uma ginástica intelectual, todos nós devemos nos preocupar com como nosso trabalho influencia a sociedade cuja história estudamos. Neste sentido, é importante perceber que os novos historiadores não abandonaram as preocupações sociais que influenciaram a geração da Nueva Historia ao escrever sobre as pessoas – os subordinados – que a historiografia tradicional ignorava. Mas este engajamento é de um tipo diferente. Um número significativo de historiadores começou a perceber a necessidade de se produzir mais livros escolares com as descobertas e perspectivas das novas tendências. Além disso, eles também vêm a necessidade de se reformular o ensino universitário de história levando consideração às novas tendências da profissão. Com o tempo, esperamos que estes dois desenvolvimentos venham a produzir uma “melhor” narrativa histórica nacional, além de uma consciência histórica revigorada. Uma que, como desejou Flores Galindo, irá reconhecer a diversidade de características do Peru. O objetivo não é substituir as narrativas históricas pessimistas que dominaram a consciência histórica peruana com uma celebração bombástica da resistência subalterna, mas sim produzir uma narrativa histórica nacional que leve em consideração as forças convergentes e divergentes que ajudaram (e ainda ajudam) a moldar a nação peruana. Se tal narrativa histórica irá resultar em uma consciência histórica “melhorada” e se esta consciência histórica irá fazer do Peru um lugar mais justo, próspero e igualitário, só o tempo dirá. Mas a escrita de uma história peruana mais justa e inclusiva é certamente um passo na direção certa.

do Cáceres, os autores buscaram “englobar el análisis de las estructuras con el de las mentalidades, la mirada sobre el paisaje con el recuento demográfico, la comprensión de la cultura con el análisis político”.<sup>25</sup> Em contraste, *Buscando un Inca*, assim como *El Nacimiento de una Utopía* de Manuel Burga, começaram como uma história rural total do Peru, mas terminaram sendo histórias de uma idéia: a utopia andina. Como tal, as obras destes estudiosos ecoaram a transição de uma história total baseada nas análises estruturais para uma história das mentalidades. De fato, na introdução de *Buscando un Inca*, tornava-se isto explícito. O homem andino, afirma Flores Galindo, foi construído como sendo “personaje al margen de la historia, inalterable, viviendo en un eterno retorno sobre sí mismo al que era preciso mantener distante de cualquier modernidad. Inmóvil y pasivo. Singular y abstracto”. O *andino* “no se limita a los campesinos sino que incluye a pobladores urbanos y mestizos”. Contudo, Flores Galindo argumenta, o *andino* também é uma cultura antiga “que debería ser pensada en términos similares a los que se utilizan con los griegos, los egipcios o los chinos”, mas que deve ser separado dos mitos que o encobrem. A História é a reposta: “la historia ofrece un camino: buscar las vinculaciones entre las ideas, los mitos, los sueños, los objetos y los hombres que los producen y los consumen, viven y se exaltan con ellos”.<sup>26</sup> Neste sentido, a História deve substituir o Mito. Ao fazer isto, a História resgata o *andino* do museu e o põe no palco principal da reconstituição da história peruana. Este mesmo sentimento é evidente na afirmação de Manuel Burga de que no seu *Nacimiento de una Utopía*, “se expresan esas angustias, esperanzas y deseos para devolver a las mayorías andinas toda la singularidad de su fuerza creativa en la formación de la nación peruana”.<sup>27</sup> Enquanto tal, a utopia andina aparece como um motor de regeneração nacional tendo como combustível uma consciência histórica alternativa. De fato, para alguns estudiosos, como Nelson Manrique e Rodrigo Montoya, o surgimento da utopia andina deveria ser compreendido tanto como um produto da crise pela qual passava o Peru durante os anos 80, quanto como a base de um debate que deveria levar à resolução da crise.<sup>28</sup> Como percebeu Guillermo Rochabrún, “la ‘utopía andina’ puede entenderse también como condensación de ciertos valores, como justicia, trabajo, disciplina, y colaboración. Valores con los cuales construir una sociedad futura cuyas condiciones ideales de posibilidad se desencantan a través de una poetización del mundo prehispánico; en particular aunque no obligadamente, del pasado incaico”.<sup>29</sup>

---

<sup>25</sup> Cáceres Valdivia, “No hay tal lugar”, pp. 11-27

<sup>26</sup> Flores Galindo, *Buscando un Inca: Identidad y utopía en los Andes* (Havana, 1986), p. 6.

<sup>27</sup> M. Burga, *Nacimiento de una utopía: Muerte y resurrección de los incas* (Lima, 1988), p. VII

<sup>28</sup> Ver N. Manrique, ‘Historia y utopía en los Andes’ e R. Montoya, ‘La utopía andina’ in *Márgenes*, Año IV, No 8 (1991).

<sup>29</sup> Rochabrún, ‘Ser historiador en el Perú’, *Márgenes* Año IV No 7 (1991), p. 137.